

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS  
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

ÁLVARO ARANDA DOS SANTOS

**O TCC E O SEU PROCESSO:** UMA REFLEXÃO SOBRE AS IMPLICAÇÕES  
DESTA FASE NA VIDA DO ESTUDANTE

Porto Alegre  
2022

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

ÁLVARO ARANDA DOS SANTOS

O TCC E O SEU PROCESSO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS IMPLICAÇÕES  
DESTA FASE NA VIDA DO ESTUDANTE

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Publicidade e Propaganda da Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Cláudia Bromirsky Trindade

PORTO ALEGRE

2022

ÁLVARO ARANDA DOS SANTOS

O TCC E O SEU PROCESSO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS IMPLICAÇÕES  
DESTA FASE NA VIDA DO ESTUDANTE

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Publicidade e Propaganda da Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof(a). Cláudia Bromirsky Trindade (Orientadora)

---

Prof(a). Avaliador

---

Prof(a). Avaliador

PORTO ALEGRE

2022

## RESUMO

A presente monografia busca responder a seguinte questão: qual a relação do estudante com a transição proporcionada pelo Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)? Para chegar em uma resposta, definiu-se como objetivos: ponderar a escolha dos temas e os interesses acadêmicos e profissionais dos estudantes; abordar os sentimentos resultantes desta fase final da graduação; explorar o processo de transição e a influência do TCC como um ritual; e refletir sobre o processo de desenvolvimento do TCC de um ponto de vista participativo, gerando contribuições para o processo. O formato que temos é de um estudo exploratório e qualitativo, construído a partir de três técnicas de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevista em profundidade com profissionais das áreas da Psicologia e Comunicação. Na análise dos resultados, empregou-se a técnica de análise de conteúdo categorial. De forma geral, a relação do estudante com o período que envolve o TCC pressupõe uma série de sentimentos conflitantes. É um processo desafiador, de transição, repleto de uma tensão motivada por diversos fatores biopsicossociais. Compreender tais fatores nos permitirá uma preparação para trabalhos futuros, e, sobretudo, para momentos de transição.

**Palavras-chaves:** Comunicação. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação. Ritos de passagem. Expectativas.

## ABSTRACT

The present paper aims to answer the question: what is a student's relationship with the transition phase an Undergraduate Thesis generates? The following research goals were established to reach an answer: ponder the subject choices and the student's academic and professional interests; approach the feelings that result from this final phase in one's undergraduate life; explore the transition process and the Undergraduate Thesis as a ritual, and reflect on the thesis development process from a participative point of view that enriches it. The paper format is based on exploratory and qualitative research, built from three data collection techniques: bibliographic research, documental research, and in-depth interviews with Psychology and Communication professionals. The analysis of the results makes use of categorical content analysis. Overall, one's relationship with the Undergraduate Thesis assumes a series of conflicting feelings - it's a challenging transition process, filled with tension that arises from different biopsychosocial factors. Comprehending these factors prepares us for future academic research and, foremost, for transition phases.

**Keywords:** Communication. Undergraduate Thesis. Undergraduate Studies. Rites of Passage. Expectations.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Diagrama de um sistema de comunicação geral	12
Figura 2 - Ciclo de Construção das DCN	26
Figura 3 - Processo de Transição	34

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2. COMUNICAÇÃO: DO OBJETO DE ESTUDO AO INSTRUMENTO DE TRABALHO</b>	<b>11</b>
2.1 QUEM SABE O QUE É COMUNICAÇÃO?	11
2.2 DIMENSÕES DO CAMPO	15
2.3 ESTUDO ACADÊMICO	21
2.4 EXIGÊNCIAS PARA O DIPLOMA	25
<b>3. RITO DE PASSAGEM COMPULSÓRIA</b>	<b>31</b>
3.1 DO HOJE PARA O AMANHÃ, NO SEU TEMPO, OU NÃO	31
3.2 UMA TRANSIÇÃO NÃO SÓ ACADÊMICA	35
<b>4. METODOLOGIA</b>	<b>38</b>
<b>5. ANÁLISE E DISCUSSÃO</b>	<b>43</b>
5.1 O TCC COMO OBRA AUTORAL	43
5.2 O TCC COMO RITUAL	46
5.3 O TCC COMO UMA CAIXINHA DE EMOÇÕES	48
5.4 INFERÊNCIAS DO PESQUISADOR	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>58</b>
<b>APÊNDICE A</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICE B</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICE C</b>	<b>69</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Apenas em 2018, o Brasil viu 1.264.288 de seus cidadãos se graduarem em um curso superior, dos quais 11.729 em Comunicação Social (INEP, 2018). Sendo assim, todo semestre, mais de 5.000 estudantes do ensino superior, aspirantes a comunicólogos, têm de definir o assunto do trabalho que lhes garantirá o diploma, e desenvolvê-lo.

Esse trabalho, além de encerrar um importante ciclo, também pode trazer impactos sociais, acadêmicos e profissionais. Em todos os casos, inclusive, para além do usufruto direto de seu autor.

Um caso ilustra, por exemplo, o impacto social que um Trabalho de Conclusão de Curso - TCC é capaz de gerar. A indígena Elaine Borari, que, em agosto de 2021, graduou-se em Gestão Ambiental pela Universidade Federal do Oeste do Pará, abordou o tema “A Relação da Etnia Borari com o Igarapé do Jacundá em Alter do Chão, Pará – Brasil” (G1, 2021). O trabalho elaborado por Borari, primeira de sua etnia a formar-se no supracitado curso, ajudou a trazer à tona irregularidades na demarcação de terras e alertou sobre a importância do igarapé para sua comunidade.

No que tange o universo acadêmico (não limitado à esfera física da instituição de ensino (IE), mas, sim, à produção intelectual), um tema relevante de TCC contribui para uma compreensão histórica, do princípio da sociedade à contemporaneidade, e colabora para a nossa construção de conhecimento, como humanidade, conforme Anastasiou (2007) explica:

[...] o conhecimento consiste na capacidade de dominar a natureza, transformá-la, adaptá-la às necessidades humanas, e a totalidade do conhecimento presente em cada época se constitui pela acumulação de atos singulares: as distintas pesquisas da realidade. Portanto, é uma síntese determinada pela totalidade existente até aquela época [...]. (ANASTASIOU, 2007, p. 54)

Já em um âmbito profissional, a pesquisa de determinado tema pode gerar uma alavancagem na carreira, como vimos no caso de 2019, de Maria Eduarda

Mostaço. A paranaense, de 29 anos, graduou-se em Direito na Universidade Estadual de Londrina, em 2015. O tema de sua monografia foi "Homeschooling: uma possibilidade constitucional face ao declínio da educação escolar no Brasil". Tema este que trouxe certa notoriedade à autora e tornou-a referência em Educação Domiciliar, um assunto pouquíssimo abordado no Brasil à época. Como consequência, Mostaço foi nomeada coordenadora-geral de formação de professores da Secretaria de Alfabetização do MEC (EXAME, 2019).

Estando explícitos alguns dos frutos que um tema bem explorado e um trabalho bem desenvolvido podem proporcionar, a pressão por definir um tema relevante assola os momentos prévios à decisão, sequestra horas de sono e atrasa o início da construção do próprio TCC, e aqui o autor aponta como relato. É nesse momento que diversos livros, artigos e até mesmo o conteúdo de aulas preparatórias para o trabalho final propõem formas que, na teoria, ajudarão o estudante a definir seu tema e desenvolver seu trabalho.

Há quem diga que, para o tema, deve-se escolher uma área na qual o estudante queira trabalhar (QUERO BOLSA, 2019), que é para evitar temas dos quais estudos recentes acabaram de ser publicados (GUIA DA MONOGRAFIA, 2017) e até a já pensar em um projeto de pós-graduação (SÃO JUDAS TADEU, 2021). Muitos aparentam ter um caminho para chegar até a resposta, menos o estudante, quem, de fato, precisa dela.

Em contrapartida, como já mencionado, o TCC em si é uma das etapas obrigatórias para a formação, e, apesar de ter o potencial de trazer recompensas individuais e coletivas, por vezes, a tarefa é encarada apenas como uma etapa qualquer, mais uma das que separa o bacharelado do diploma, resultando em um trabalho desenvolvido de forma burocrática, priorizando a praticidade em detrimento do prazer autoral e da relevância do assunto abordado para a sociedade. Há quem faça o TCC apenas porque tem que ser feito.

Com o contexto apresentado, fica evidenciado que o tema do TCC tem peso, e que representa um passaporte para a uma transição, portanto, temos como o problema de pesquisa norteador deste estudo: **Qual a relação do estudante com a transição proporcionada pelo trabalho de conclusão de curso?** Este estudo

contempla dois aspectos específicos: a escolha do tema do trabalho de conclusão de curso e os sentimentos resultantes desta passagem.

Com isso, os objetivos deste estudo são: **ponderar a escolha dos temas e os interesses acadêmicos e profissionais dos estudantes; abordar os sentimentos resultantes desta fase final da graduação; explorar o processo de transição e a influência do TCC como um ritual; e refletir sobre o processo de desenvolvimento do TCC de um ponto de vista participativo, gerando contribuições para o processo.** Para tanto, são convidados três profissionais especialistas, um da Psicologia, um da Comunicação e um de intersecção, tendo experiências profissionais com ambas as áreas, para debater tais aspectos.

Desta forma, a metodologia do presente estudo exploratório e qualitativo conta com as técnicas de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas em profundidade. Para análise dos dados coletados, optou-se pela análise de conteúdo categorial. Esses procedimentos metodológicos são aprofundados adiante.

A ordem definida de cada capítulo nos permite angariar referências suficientes para construir um raciocínio visando atingir os objetivos propostos. O capítulo 2 do trabalho começa abordando a comunicação em si, o processo de construção do seu significado e a relevância do grau de definição desse significado; evoluindo no objeto comunicação, sua história é brevemente dissecada, bem como a de suas principais vertentes; em seguida, exploramos o estudo acadêmico da comunicação; para, então, listarmos as exigências que compõem uma graduação em Comunicação Social, dentre elas, o TCC.

O capítulo 3 aborda os ritos de passagem, rituais, margem e conflitos resultantes desses momentos de transição, mas, acima de tudo, aborda também o porquê de haver transição; ao final, é trazido o conceito do rito para dentro da graduação, unindo capítulos 2 e 3, finalizando a contextualização dos objetos que estão sendo analisados em seu ponto de convergência, tendo o TCC como transição.

No capítulo 4, temos a metodologia detalhada de como foi desenvolvido o estudo. Finalmente, no capítulo 5, há a análise dos resultados, trazendo os entrevistados especialistas para um diálogo na intenção de auxiliar o autor a atingir

os objetivos definidos. Alcançando eles, o presente trabalho terá o potencial de aliviar atritos na relação universidade-professor-aluno, trazendo elucidações, para todas as partes envolvidas, sobre um momento tão crucial na jornada acadêmica. Melhorando essa relação, a tendência é que o graduado chegue ainda mais preparado para o mercado de trabalho.

Havendo ciência da relevância acadêmica e profissional do presente trabalho, há de se considerar também a curiosidade pessoal do autor de explorar o tema e, sobretudo, sua intenção de produzir a monografia que gostaria de ter lido antes mesmo de definir o tema desta própria monografia.

## **2. COMUNICAÇÃO: DO OBJETO DE ESTUDO AO INSTRUMENTO DE TRABALHO**

De início, a proposta é compreendermos a Comunicação o suficiente para justificar as suas subdivisões, as principais trilhas acadêmicas que exploram essas subdivisões, os papéis profissionais que resultam dessas trilhas, as exigências mercadológicas para estes papéis e, por fim, as especificidades da Comunicação como objeto de estudo.

Dentro do capítulo, no que tange a definição da comunicação em si, os autores referenciados são Shannon (1948), Lasswell (1948) e Craig (1999), além de dados documentais; referente às áreas que compõe a comunicação, os citados são Baitello Júnior (2014), e DeFleur e Ball-Rokeach (1989) e Peruzzo (2004), com o complemento de dados documentais; quanto ao estudo acadêmico, Fávero (2006), Flick (1909) e Haskins (1957), com o complemento de dados documentais; por fim, nas exigências para a graduação na comunicação, o referencial é integralmente documental.

### **2.1 QUEM SABE O QUE É COMUNICAÇÃO?**

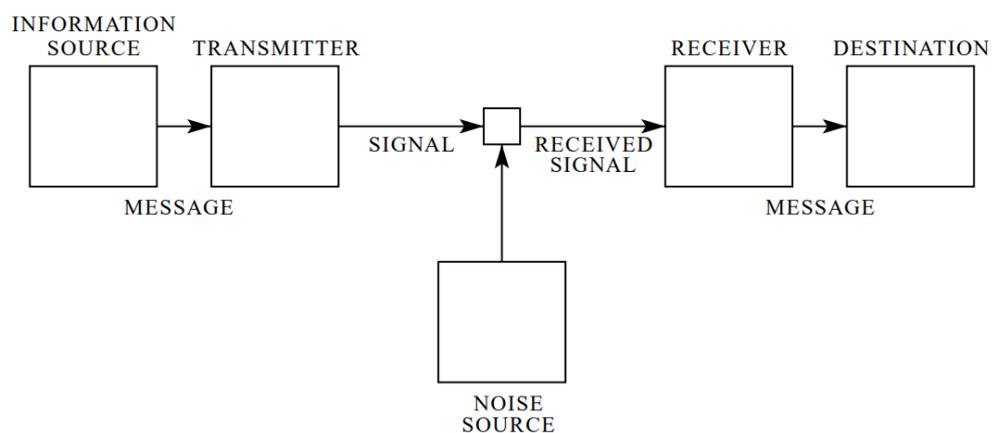
Todo ano, no Brasil, quase 12 mil pessoas se formam em Comunicação (INEP, 2018). Apesar disso, a discussão sobre o real significado do termo comunicação não é tão presente, afinal, há fenômenos no cotidiano que são triviais ao ponto de não serem questionados. A onipresença e a eficiência silenciosa os isentam de grandes suspeitas. Poucos – como filósofos – pensam no que é ser; poucos – como o autor e seus colegas – refletem sobre o que é comunicação. Você não pensa, você só é. Você não pensa, você só se comunica.

Ao contrário das reflexões anteriores, existem perguntas extremamente objetivas, com respostas “googláveis”, respondíveis “só” com um número. Nessa seara: qual a extensão da costa da Noruega? Essa questão não é eliminatória. É bem provável que o leitor não saiba a resposta de bate-pronto, tampouco o autor

saberia se fosse surpreendido dessa forma, mas concordemos que uma questão assim há de possuir uma resposta objetiva, a final de contas, para Costa (2004), a medição de extensões costeiras é responsabilidade da Cartografia, área de estudos que têm a trigonometria e a geometria como fundamentos. Tudo leva a crer que o Problema Noruega tem uma solução matemática e que é, portanto, uma definição objetiva.

Mas, já sabendo que estamos lidando com subjetividades, o que é Comunicação? Essa questão, sim, é eliminatória, mas quem ajudará a responder é Claude Shannon (1948), que publicou a Teoria Matemática da Comunicação (figura 1). Nela, o autor aborda o objeto Comunicação e o dissecou de uma forma bastante pragmática, caracterizando-o a partir de um esquema constituído por 5 partes principais indispensáveis: uma fonte de informação, responsável por produzir a mensagem; um transmissor, que codifica a mensagem de forma a possibilitar a transmissão; um canal, sendo o meio pelo qual a mensagem será transmitida; um receptor, que cumpre um papel inverso ao do transmissor, decodificando e reconstruindo a mensagem transmitida; e, por fim, um destino, para quem a mensagem foi em princípio endereçada.

Figura 1 – Diagrama de um sistema de comunicação geral



Fonte: Adaptado pelo pesquisador de Shannon (1948)

Ainda, o esquema de Shannon (1948) prevê uma sexta parte integrante, o ruído. Esta última nem sempre está presente, não sendo essencial para que haja

comunicação, mas sua existência distorce o sinal e, por consequência, pode alterar a mensagem recebida. Se considerarmos um caso em que o sinal foi perturbado por um ruído durante a transmissão — ou mesmo em um dos terminais (transmissor ou receptor) —, conseqüentemente o sinal recebido não será, de forma obrigatória, aquele que foi enviado pelo transmissor. Por isso, o ruído tem capacidade de alterar a mensagem.

Enquanto Shannon (1948) contenta-se com o recebimento da mensagem em seu modelo, Lasswell (1948) introduz uma nova exigência para a comunicação ser estabelecida: a mensagem tem que causar um efeito. Uma forma conveniente de descrever um ato de comunicação, para Lasswell (1948), seria responder às seguintes questões: quem, diz o que, por qual canal, para quem e com qual efeito?

Lasswell (1948) não evoluiu o modelo de Shannon de forma literal. Apesar de terem sido contemporâneos, seus trabalhos foram, em sua maior parte, paralelos. O que está evoluindo aqui é a compreensão do significado de comunicação trazido nesta obra. Aquilo que Shannon (1948) nos apresentou fica incompleto. Falta a consideração do efeito da mensagem, portanto não é mais comunicação completa.

E, em uma senda de evolução conceitual, Craig (1999) aponta que um modelo ideal é aquele que conceitualiza a comunicação como um processo construtivo, produzindo e reproduzindo significado compartilhado. O autor batiza esse modelo de construtivo, oferecendo um foco para a disciplina de comunicação, um papel intelectual e uma missão cultural. Desta forma, para haver comunicação não bastaria o efeito, mas, sim, a construção de significado, e essa construção de significado é a missão cultural da comunicação.

Para Shannon (1948), basta a mensagem ser entregue; para Lasswell (1948), a mensagem tem que ter efeito; e, para Craig (1999), a mensagem precisa construir um significado mútuo. Apenas nesta obra, há referências de abordagem e definição da Comunicação que têm mais de 50 anos de intervalo, mas que juntas não chegaram a uma conclusão sobre o tema. O que essa evolução de definição nos apresenta é uma tendência de aumento de complexidade e subjetividade. Quanto mais os colegas comunicólogos se debruçam sobre a definição do seu próprio objeto de estudo, mais se aproximam do Problema Noruega.

Ao contrário do que a questão sobre a Noruega leva a crer, a resposta é um tanto quanto subjetiva. Isso se dá pela Teoria dos Fractais, como ressalta Fornari (2016), que descreve objetos muito peculiares, dos quais quanto mais você se aproxima, mais detalhes vêm à tona. “Um exemplo clássico de fractal é a costa da Noruega” (FORNARI, 2016, p. 56), por conta dos seus fiordes, o que dá ao país uma condição especialmente desafiadora no que se refere ao mapeamento litorâneo. Desta forma, a extensão costeira final depende do tamanho da régua utilizada, do qual o detalhista será a medição. Quanto mais você se aproxima, mais detalhes aparecem e mais difícil é a definição.

Aqui não seremos audaciosos a ponto de tentar solucionar problemas cartográficos, pois sequer os estudiosos da área chegaram em um consenso. Também não vamos nos aprofundar em detalhes técnicos. A resposta para a questão é, em resumo: depende. E a lição que fica é a de que nem em campos com fundamentos próximos aos da matemática param de surgir questões de conclusões subjetivas. Mesmo nas exatas, algumas fronteiras não são tão nítidas.

Mas indefinições do relevo não impedem que um jogador de *War*, por exemplo, tome esse ou aquele território; basta um mapa escandivo suficientemente bem desenhado para que esteja claro qual território tomar. Indefinições de terreno tampouco impediram, em 1940, a operação *Weserübung* – citada por Stenius, Österberg e Östling (2011) –, que resultou na invasão alemã à Noruega, de acontecer; bastou um mapa norueguês suficientemente bem desenhado para que o Terceiro Reich soubesse que deveria navegar para o norte da Dinamarca.

No mapa da guerra de verdade há mais definição do que no mapa da guerra de brincadeira, por óbvio, mas em nenhum dos casos o mapa representa com plena fidelidade o terreno. As fronteiras estão longe de um preto no branco, há bastantes zonas cinzas e, portanto, algumas incertezas são toleráveis, e o limite dessa tolerância vai se apresentando, conforme a necessidade supera a expectativa de esforço. Vai se criando definição.

Por isso, não interessa quantas teorias fossem apresentadas, ainda estaríamos longe de uma definição exata sobre o nosso atual objeto. Nenhum esforço seria suficiente para desenharmos a exata representação da comunicação, um campo carregado de teor subjetivo. A abordagem, até aqui, visou sim introduzir

seus principais aspectos, mas o maior foco é ilustrar a mutabilidade e evolução de significado da comunicação com o passar do tempo e investimento de esforço dos interessados.

Agora que estamos munidos de tolerância para com definições um pouco subjetivas, temos uma noção do que é comunicação e também sabemos que suas fronteiras ainda não estão tão bem delimitadas, vamos nos concentrar nas questões internas da comunicação, e não em suas disputas territoriais.

## 2.2 DIMENSÕES DO CAMPO

Enquanto temos datas precisas para as teorias que explicam e exploram a comunicação, é incerto quando, de fato, a comunicação em si começou. O problema aqui é que a história da comunicação se mistura com a história da linguagem, o nosso código de comunicação. Baitello Júnior (2014) explica que enxergamos a complexidade da comunicação como sendo a complexidade dos nossos códigos. Em dado momento, a comunicação é vista como o formato que ela toma, o formato daquilo que se está transmitindo. Por consequência disso, boa parte da historiografia da comunicação começa abordando o surgimento da linguagem, o tal formato.

Se levarmos em consideração o surgimento da linguagem não verbal, pode-se dizer que a comunicação é mais antiga do que andar. Ao menos do que andar ereto. De acordo com DeFleur e Ball-Rokeach (1989), a linguagem não verbal surge com os nossos ancestrais distantes, que habitavam cavernas e andavam curvados, fazendo grunhidos, gestos rudimentares e marcações em árvores e paredes de pedra.

À época, o significado das mensagens não era unânime, demorando para se tornar algo amplamente compreendido, mas a necessidade de transmitir alertas de perigo fez com que os códigos utilizados fossem se aperfeiçoando, ao ponto que o transmissor tinha sua mensagem decodificada pelo receptor, de forma a haver comunicação. Essa época, dos primórdios da comunicação, foi batizada por DeFleur e Ball-Rokeach (1989) de Era dos Símbolos e Sinais.

Já nessa situação inicial de comunicação começa a ficar evidente a relação de codependência entre o objeto (comunicação) e a humanidade, afinal de contas, é

um caminho sem volta aprender que uma planta é venenosa sem precisar prová-la, recebendo a mensagem de alguém que já provou, ou mesmo de alguém que só está repassando a mensagem. É quase que inimaginável um cenário atual no qual precisaríamos aprender, sempre, com os nossos próprios erros, para citar apenas um exemplo que torna indispensável a comunicação.

Em dado momento, aqueles grunhidos, que antes ecoavam em cavernas, ficaram mais vocalizados e com uma pronúncia replicável. Começa a chamada Era da Fala, cerca de 90 mil anos atrás, como apontam DeFleur e Ball-Rokeach (1989), período no qual nossos ancestrais iniciam um processo de oralização da comunicação. Com nuances de comunicação mais perceptíveis, fica possível transmitir mensagens maiores e mais completas e a facilidade de réplica dá origem a debates e contestações daquilo que foi comunicado. E aqui fica evidenciada uma coevolução entre humanidade e comunicação.

Resumindo milênios em linhas com a ajuda de Sampson (1996), as pinturas em cavernas, da Era dos Símbolos, deixaram de representar apenas objetos e passaram a representar ideias, para então virarem símbolos que sozinhos apenas representam fonogramas.

Avançamos 85 mil anos em um único parágrafo e chegamos em torno de 3.000 a.c., momento no qual DeFleur e Ball-Rokeach (1993) consideram como o início da Era da Escrita. Nela, os ícones que continham em si os seus significados deram lugar a um princípio de alfabeto, no qual seus símbolos representavam os tais fonogramas, que aí sim, juntos, formavam um significado. Essa evolução se deu muito por conta da confusão gerada na estruturação de “frases” com ícones tão definitivos. Por exemplo, o ícone de uma casa seguido do ícone de uma pessoa, pode dar a entender tanto que a casa é da pessoa quanto que a pessoa é da casa — e em contexto no qual a servidão não era incomum, a confusão está desenhada, literalmente. Então, surge o princípio do alfabeto, estruturando cada vez mais as “frases” da comunicação, evoluindo-a para que as ideias fossem representadas com a maior exatidão possível, tamanha a importância que a comunicação vinha acumulando.

De novo, avançando algumas páginas da história, a escrita seguiu evoluindo até algo próximo do que temos. A regionalização era marcada por línguas, e a

escrita alfabética também seguia essa marcação. Mas a comunicação regional estava muito estabelecida, de tal forma que, em 27 a.c., na Roma Antiga, surge a *Acta Diurna*, um periódico que reportava os principais eventos ocorridos na república de César (Britannica, 2018). Nasce um antecessor do jornal.

Abrindo um parênteses na cronologia das eras e adiantando parte do conteúdo, já é previsível que abordaremos as origens das principais áreas da comunicação social, mas fato é que não há certeza sobre o surgimento exato de quase nenhuma dessas áreas. Trazendo um conceito de forma antecipada, a Publicidade é a promoção de um produto ou serviço, e sabe-se lá quando foi a primeira vez que as características de algo foram exaltadas para que esse algo fosse percebido com mais valor do que o que lhe é intrínseco. Ao contrário da estória, a história não tem um escritor.

Isto posto, a origem das áreas foi considerada como sendo o momento da história no qual os principais autores desses campos de estudo reconhecem como sendo o pontapé inicial de algo próximo daquilo que temos hoje. Vide Rosen (1956), citando que elementos óticos já eram utilizados desde o século I, enquanto os óculos em si só foram inventados no século XIII. Rosen (1956), em sua narrativa, se dá ao luxo de explorar os predecessores, mas, a título de foco, alguns predecessores serão suprimidos da corrente obra.

Levando em consideração o critério definido acima, o Jornalismo ainda assim acaba por ser uma das primeiras ramificações da comunicação a tomar forma. Mas é só na chamada Era da Imprensa, como abordam DeFleur e Ball-Rokeach (1989), que o conceito de Jornalismo é estreitado. A imprensa, inovação do alemão Johannes Gutemberg em 1455, não só batiza a Era, como também revoluciona a forma como o conhecimento e a cultura são registrados. Antes, monges copistas dedicavam suas vidas a replicar livros manualmente, transformando esses compilados de conhecimento em artefatos de luxo; enquanto com a imprensa, chegamos ao ponto em que, hoje, palavras são esquecidas e empilhadas em estantes, vendidas quase que pelo preço do quilo do papel.

A criação de Gutemberg se valia dos já consolidados alfabetos para escalar o registro de informação, e cada letra era um carimbo, ou tipo, que juntos formavam

frases, que juntas formavam páginas carimbáveis por diversas vezes, de forma constante e consistente. O processo de comunicação escrita deixa de ser artesanal.

A difusão da imprensa tornou trivial o registro de informação, fazendo com que, no início do século XVI, aquelas publicações periódicas que rodavam por Roma fossem facilitadas. Barnhurst e Nerone (2009) apontam que informações cada vez mais atuais começaram a ser impressas. Em dado momento, notícias, algo tão dinâmico também passaram a ser impressas e distribuídas. Surgiu o jornal, como conhecemos. Por conseguinte, surge o jornalista. E surge a prática, o jornalismo, difundindo informações atualizadas, através de veículos de comunicação. À época, apenas via jornal, mas não por muito tempo.

A dinamicidade não evoluiu apenas na comunicação, muito pelo contrário. A comunicação evoluiu porque o mundo ficava cada vez mais dinâmico, concordando com Peruzzo (2004). Tão dinâmico que seu ritmo virou industrial, e do aspecto da indústria, a segunda metade do século XVIII foi revolucionária. A mão do artesão deixou de ter tanta importância, já estava tão obsoleta quanto a de um monge copista, porque as máquinas que surgiram tinham como principal virtude a capacidade de replicar. A linha de montagem não tinha um dia ruim, nem bom, então, o resultado final era sempre o mesmo. Era muito. O que a imprensa fez para o livro, a indústria fez para o produto: democratizou e, ao mesmo tempo, banalizou.

Quando a quantidade disponível só aumenta, a oferta tem que se destacar de alguma forma. Como traz Kleppner (1979), esse destaque começou a acontecer em 1836, na França, quando jornais passaram a vender espaços de anúncios em suas páginas, emprestando sua credibilidade ao produto divulgado. Quase que simultaneamente, nos Estados Unidos, Volney B. Palmer sistematiza a compra de espaços publicitários em jornais, reservando grandes quantidades e revendendo às com lucro, também como sinaliza Kleppner (1979). Tão cedo surgiu a publicidade moderna, a primeira agência de publicidade fez-se presente. Promovendo um produto ou serviço, fez-se publicidade.

O Jornalismo, em uma sequência de consolidação, combinado com a invenção do telégrafo (e depois do telefone), mais tarde, próximo do final do século XIX, proporcionou em um acesso cada vez mais irrestrito à informação, democratizando o recebimento da comunicação. Cada vez mais, mais pessoas liam,

ouviam, sabiam. Cada vez mais, a comunicação era feita para as massas. DeFleur e Ball-Rokeach (1993) batizam esse período de Era da Comunicação de Massa.

Num contexto de massificação da comunicação e franca expansão do modelo industrial, período que resultou no surgimento de grandes magnatas do capitalismo, faz-se um dos maiores deles, John D. Rockefeller, conforme Seitel (2017). O empresário norte-americano, além de homem mais rico da história dos Estados Unidos — ao menos numa relação patrimônio/PIB (CNN, 2014) —, viu uma tragédia em sua companhia Standard Oil Company se desdobrar naquilo que conhecemos hoje como surgimento das Relações Públicas.

Como conta Seitel (2017), no início do século XX, a morte de 79 mineiros (profissão) empregados por Rockefeller deu início a uma greve que reivindicava melhores condições e aumento salarial para a classe. E quando nossos colegas jornalistas passaram a divulgar a causa do protesto, a opinião pública tornou-se completamente avessa à Rockefeller e sua companhia. A imagem da instituição, e de sua família, ficaram manchadas.

Quem, se não um jornalista, para mediar a comunicação da Standard Oil Company com a imprensa. Surge a figura de Ivy Ledbetter Lee, como ressalta Seitel (2017). Lee, um comunicólogo graduado por Princeton, que passou a trabalhar a imagem transmitida por Rockefeller, criou talvez o primeiro case de Relações Públicas da história, convencendo Rockefeller a visitar a mina na qual ocorreu o acidente, desculpar-se pelo ocorrido, e humanizar a si e sua empresa aos olhos dos funcionários, protestantes e da cobertura midiática. Considerando tudo que caracteriza a vertente, podemos compreender as Relações Públicas como um processo de comunicação entre organização e sociedade.

Conforme aponta Peruzzo (2004), as Relações Públicas têm uma grande afinidade com o capitalismo. Essa relação é lógica, uma vez que o capitalismo evolui a partir da otimização, e a otimização, por vezes, cobra caros preços éticos. Deste modo, a opinião pública assume um papel, junto com a legislação, de estabelecer limites para esta otimização, e pode ser a atividade de Relações Públicas que expande esse limite, ou o esclarece. De novo, a comunicação moldando a humanidade, e vice-versa. A comunicação evoluindo, até industrialmente.

Outro grande acontecimento histórico que corrobora para fortificação de uma vertente da comunicação é a Primeira Guerra Mundial, quando consolida-se a Propaganda. Conforme relata Taylor (2003), o termo em si, “propaganda”, surge com a igreja católica do século XVII, referindo-se a um movimento de propagação de fé. Desde a origem, já há o conceito de propagação ideológica. Mas é durante a primeira grande guerra que a comunicação torna-se uma arma tão fundamental quanto qualquer alternativa bélica. As nações de tríplice entente e tríplice aliança passaram a empregar estratégias persuasivas que convenciam a sua população de que o lado de lá era inimigo, levando seu soldado a pegar em armas e embrenhar-se em trincheiras, também como salienta Taylor (2003). Pôsteres, discursos, cartilhas escolares e qualquer outra forma de criar uma narrativa ideológica eram empregados. Temos Propaganda, a promoção de uma ideologia.

De volta à sequência de eras, DeFleur e Ball-Rokeach (1989) são muito atuais ao encerrar suas categorizações de períodos com a Era dos Computadores, momento no qual as máquinas ganharam cada vez mais silício, aumentando sua capacidade computacional e remodelando praticamente tudo que nos cerca. Com a comunicação não foi diferente. Traçando paralelos com a contemporaneidade, o papel virou tela e a onda de rádio e TV viraram 4G. O transmissor, o meio, a mensagem e o receptor foram transformados.

A comunicação talvez seja o maior projeto colaborativo da história da humanidade. Ela é o código fonte no qual a nossa sociedade foi programada. É um pilar que sustenta a nossa sociedade. Sendo um pouco mais específica, a Comunicação Social acaba por reunir as áreas da comunicação que, para Craig (1999), cumprem um papel de comunicar para essa sociedade.

No presente capítulo, passamos por 4 áreas cujos surgimentos pontuam muito bem a evolução da comunicação, e não por coincidência, elas dão origem a 3 dos cursos mais populares de comunicação no país (INEP, 2018). Adiante, vamos compreender de que forma todo esse conteúdo da comunicação é abordado na academia.

### 2.3 ESTUDO ACADÊMICO

Na origem da Academia, primórdios da graduação, temos a Academia Platônica (local, não o movimento) que, apesar do nome, de fato existiu, conforme relata Haskins (1957). Durante o século IV a.c., Platão adquiriu um olival conhecido na região como Jardim de Academo. No local, construiu um espaço para o estudo da filosofia a partir do treinamento da dialética – conflito de ideias que chega até outras ideias (KONDER, 2004, p. 57) –, que funcionava como clube, convidando seus sócios ao debate, ainda para Haskins (1957). O curioso é que o tal Academo não tinha muita relação com o estudo da filosofia, mas o lugar, ainda assim, ficou conhecido como Academia, um ambiente de estudo.

Expandindo para além da filosofia, a evolução da academia começa a estreitar-se com a religião a partir do século II, com a ascensão das Escolas Paroquiais e seus desdobramentos. Conforme conta Flick (1909), tais escolas pertenciam à igreja, direcionando seus os estudos quase que unicamente à questões religiosas. Vieses de construção e debate tendiam a ficar escanteados, com o currículo sendo definido pela própria igreja e focando na formação de um clero. Ficava fácil condicionar o estudante apenas ao ensinado, visto que estas escolas eram completamente isoladas, não fornecendo pluralidade, não dando outra alternativa.

Flick (1909) traz as passagens de Escolas Paroquiais para as Escolas Monásticas, no século IV, quando leitura, escrita e canto também se tornaram disciplinas fundamentais; na sequência, surgem as Escolas Palatinas, no século VIII, momento de reencontro entre educação e filosofia, abordando em seu currículo a dialética, retórica, gramática, astronomia, medicina, entre outros assuntos; chegando nas Escolas Cardeais, no século XI, de conteúdo muito semelhante à Palatina, mas com uma principal característica distinta: a localização.

No mesmo século, XI, a Europa viveu um princípio de dissolução daquilo que chamamos hoje de feudalismo, como nos traz Haskins (1957). Momento no qual cidades passaram a aumentar a sua população, recebendo cidadãos que deixavam os feudos, nobres, mercadores, artesãos, etc. Naturalmente, com uma necessidade de onipresença ocidental da Igreja Católica, surgiram catedrais nesses lugares, e

são nelas onde as Escolas Cardeais funcionavam. Enquanto antes o ensino da igreja era geograficamente afastado, a sua prática começou a acontecer em grandes centros. Os estudantes não estavam mais tão isolados.

Em paralelo, como conta Paula (1966), a concentração de capital humano resultou em um aquecimento comercial nos centros urbanos em formação, gerando uma necessidade produtiva crescente. Com isso, especialistas em determinadas práticas, como artesãos, ferreiros, alfaiates, entre outros, começaram a se unir, criando um monopólio de suas produções. Eles, e só eles, detinham o conhecimento e habilidade para exercer aquele ofício, sendo assim, eram a única fonte de determinados produtos e serviços, e por isso eram muito respeitados pela nobreza.

Para sustentar esse respeito, surgem as Corporações de Ofício, uma espécie de conselho que controlava toda a produção e venda dos produtos e serviços. Praticamente um cartel. Porém, no nosso estudo, o que mais interessa não é nem o domínio exercido na manufatura e transações, mas sim o controle de acesso à informação. Para Paula (1966), as Corporações de Ofício detinham a exclusividade do conhecimento, basicamente decidindo quem poderia se tornar alguém importante. Assim, passaram a funcionar como uma escola, compartilhando, com os poucos selecionados, a arte de seus ofícios.

Seguindo com Paula (1966), a estrutura das Corporações tinham mestres, os mais experientes, geralmente donos das oficinas, que transmitiam o conhecimento; oficiais, que já tinham um determinado conhecimento e eram remunerados por ajudar os mestres, quase que estagiários; e aprendizes, que passariam cerca de 12 anos aprendendo o seu ofício. Para Haskins (1957), esse tipo de instituição tinha todos seus integrantes participando do processo de aprendizagem, com interesses compartilhados, assim, essa relação tinha universalidade. Quem participava, recebia um título universitário e, tão logo, o ambiente virou a universidade. A primeira delas, em Bolonha, 1088.

O estudo religioso não havia parado, muito pelo contrário. A igreja seguia influente, tanto que o Papa passou a reconhecer determinadas universidades, como conta Haskins (1957), e esse reconhecimento é que dava credibilidade às instituições. A educação universitária toma forma na intersecção do ensino religioso

com o ofício. Desde o início, teoria e prática lado a lado. Também, o prestígio partindo de um reconhecimento.

Durante o século XIII, já havia um currículo muito difundido entre as universidades, abordando aritmética, direito, geometria, gramática, lógica, música, retórica e teologia (HASKINS, 1957). No século XVII, surge um movimento de estudo da natureza, externo às academias, que por sua vez o contrapuseram, ampliando o estudo científico, quase que como uma batalha de busca por conhecimento, processo que acelerou o desenvolvimento da ciência (HASKINS, 1957). E é no início do século XIX que o ensino superior chega ao Brasil, ainda não no formato de universidade, com a Escola de Cirurgia da Bahia, criada em 1808 (FÁVERO, 1968).

Depois de uma consolidação na Europa, e até um aparecimento nas Américas, o ensino superior seguiu transformando novos ofícios em cursos. Para a comunicação, esse desenvolvimento se concentra, principalmente, na América do Norte. É em 1905 que começa o estudo da Publicidade, na Universidade de Nova Iorque, que pouco tempo mais tarde, passou a contemplar também a Propaganda, por conta de sua abordagem semelhante, como trazem Ross e Richards (2009). Em 1908, é a vez do estudo do Jornalismo, surgindo na Universidade do Missouri (DUNN, 2018). Até chegarmos em 1920, na Universidade de Illinois, local de princípio do estudo das Relações Públicas (WRIGHT, 2011).

Vimos anteriormente que a Segunda Guerra Mundial teve um impacto grande também na comunicação, muito por conta da explosão da propaganda, conforme nos trouxe Taylor (2003). Os efeitos da comunicação como arma só cresciam, com a propaganda sendo veiculada em quase todas as rádios e jornais, de ambos os lados do *front*. E nesse contexto, no qual o governo tentava controlar a todo custo a narrativa, começou um movimento para pesquisar os resultados da tal comunicação.

Uma dessas pesquisas foi desenvolvida pelo norte-americano Lasswell (1938), resultando no livro Técnicas de Propaganda na Guerra Mundial, originalmente publicado em 1927, onde o autor apresenta uma teoria que explica o fenômeno da comunicação a partir do estudo da propaganda. Nessa teoria, a mensagem é emitida para uma massa, sendo recebida sem nenhuma interferência penetrando nos receptores da mesma forma, quase que como uma agulha. Hoje,

esse pensamento de Lasswell (1938) ficou conhecido como Teoria Hipodérmica, a primeira teoria da comunicação, iniciando uma vertente da academia que aborda a comunicação propriamente dita como objeto de estudo. Podemos considerar que o estudo da comunicação é mais recente do que o de seus formatos.

Quase que em paralelo ao hipodérmico, no Brasil, o hipodesenvolvido, a universidade começa em 1920, como conta Fávero (2006). A Universidade do Rio de Janeiro (URJ), hoje conhecida como Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), resultou da junção de três instituições cariocas: a Escola Politécnica, a Escola de Medicina e a Faculdade de Direito. Fávero (2006) segue, trazendo que, mais tarde, em 1931, durante o primeiro governo Vargas, foi aprovado o Estatuto das Universidades Brasileiras, iniciando um movimento de unificação de escolas, criando novas universidades. A exigência para que essa união acontecesse, era a futura universidade conter, ao menos, três dos cursos: Ciências, Direito, Educação, Engenharia, Letras e Medicina. A comunicação ainda estava longe de ser abordada.

É só em 1943 que vai surgir, em São Paulo, a Faculdade Cásper Líbero (FCL), primeira instituição dedicada ao estudo da comunicação no Brasil, segundo Hime (2005). De início, a FCL começou com o ensino de Jornalismo. Em 1951, também em São Paulo, foi criada a Escola de Propaganda do Brasil, atual Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), como contam Para Droguell e Pompeu (2012). Por fim, em 1967, na Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo, é iniciado o primeiro curso de graduação em Relações Públicas no país (NASSAR; FARIAS; OLIVEIRA, 2016).

Muito antes da educação superior chegar aqui, essas áreas já possuíam profissionais. Acontece que esses, como conta o Hime (2005), eram formados em outras áreas, ou sequer eram formados. A comunicação profissional era feita por vocação e moldada com a prática. Nesse período, não havia um estudo acadêmico muito contundente na área, inclusive é isso que motiva a confusão do brasileiro com os termos publicidade e propaganda. Para Droguell e Pompeu (2012), a confusão se originou em erros de traduções que não foram corrigidos a tempo de impedir que os termos passassem a ser tratados como sinônimos. Por isso que a Escola Superior de Publicidade e Marketing, ensina tanto Publicidade quanto Propaganda. A falta de uma academia ativa gera interpretações erradas, ou pior, a perpetuação delas.

## 2.4 EXIGÊNCIAS PARA O DIPLOMA

Visto que a graduação concede títulos de relevância para a nossa sociedade e que a importância da educação superior só aumenta (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2014), é natural que se estabeleça processos muito bem definidos e padronizados, ao menos em um âmbito nacional, para unificar a compreensão da competência daquele que está recebendo o tal título. Processos esses que evoluíram junto com o conceito de graduação, e que hoje são legislados e monitorados pela própria sociedade e suas instituições.

No sentido literal, é evidente que existem diversas exigências para concluir uma graduação, como ingresso a partir do processo seletivo, frequência nas aulas, aprovação em disciplinas, enfim, a lista pe extensa. Mas nos concentraremos aqui naquilo que se espera de alguém que está formado, e quais medidas são tomadas para garantir o cumprimento dessa expectativa.

Como vimos no tópico anterior, a universidade tem como parte de suas origens a capacitação profissional, então é de se esperar que o mercado de trabalho dite algumas das exigências, ou ao menos intensifique certas tendências, gerando uma expectativa de capacitação do aluno alinhada à atualidade. Em paralelo à isso, o que outro elemento visto no tópico anterior é que o aprofundamento teórico e a produção acadêmica colaboram muito com um desenvolvimento do campo estudado e, por conseguinte, para a evolução da sociedade, também gerando uma expectativa nesse âmbito.

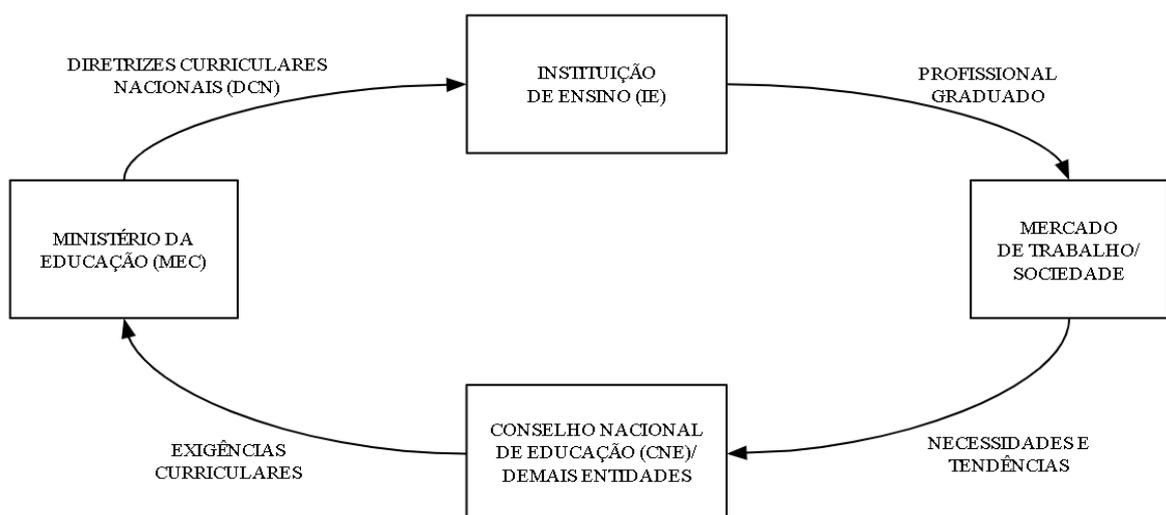
Para alinhar as expectativas de academia e mercado, todas as exigências curriculares dentro do nosso país são definidas pelo Ministério da Educação (MEC). Ainda, há certas expectativas que não se mostraram difundidas e essenciais o suficiente para virarem exigência, mas que, por serem tendência, viram necessidade. A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), por exemplo, desde 2019, oferece uma certificação de Produção de YouTube paralela ao curso de comunicação, visando atender uma alta demanda do mercado por profissionais com expertise em videografia para a internet (PUCRS, 2019). Nesse caso, não há nenhuma obrigação legal de que tais conteúdos específicos fossem

abordados ao longo da graduação, não à toa se trata de uma certificação opcional, mas a inclusão dessa possibilidade permite formar um profissional ainda mais qualificado, dialogando com as necessidades do mercado.

Agora, do ponto de vista das obrigatoriedades do MEC, é através das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) que as exigências, fundamentos e procedimentos que compõem um currículo são feitas, bem como o reconhecimento da existência oficial de cursos e dos seus tipos aplicáveis, como é previsto na Lei nº 9.394 (Brasil, 1996), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A LDB prevê que o MEC desenvolva uma DCN para cada um dos cursos de graduação, descrevendo-os.

Na prática, a DCN tem suas exigências construídas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em conjunto com diversos agentes, contando inclusive com o intermédio do Ministério Público Federal (MPF) para a realização de audiências públicas. Quando se vai desenvolver um novo currículo, é aberto um edital, convocando representantes de conselhos e associações relacionadas à educação, docentes, pesquisadores, e até mesmo a população em geral. O processo de construção é repetido diversas vezes, até que o MEC outorgue o texto final. Todo esse processo é descrito na Lei nº 9.394 (Brasil, 1996), e foi ilustrado na Figura 2.

Figura 2 – Ciclo de construção das DCN



Fonte: Elaborado pelo Autor a partir da Lei nº 9.394 (Brasil, 1996)

Atualmente, segundo o Inep (2018), são 350 cursos reconhecidos no país, divididos em 3 tipos de formação: bacharelado, um tipo de curso mais abrangente, que possibilita que o detentor do título atue no mercado profissional, ou siga em uma carreira acadêmica, como apontam Mendes e Prudente (2011); licenciatura, cursos direcionados para formação de professores de ensino inicial e médio, conforme traz Pereira (1999); e tecnológico, cursos mais curtos direcionados exclusivamente para a atuação no mercado profissional, segundo Takahashi (2010). Dentro da Comunicação Social, pela natureza dos assuntos abordados, é pouco usual a existência de cursos de licenciatura, sendo eles em sua grande maioria bacharelados e, pontualmente, tecnológicos.

A respeito dos cursos que estamos dissecando ao longo do trabalho, foram emitidas novas diretrizes para Jornalismo e Relações Públicas em 2013 e Publicidade e Propaganda 2020, ou seja, tais diretrizes são relativamente recentes, reforçando a tese de que a academia vem se adaptando e evoluindo constantemente. Evidente que novas tendências estão surgindo a todo momento, mas, na medida do possível, o MEC esforça-se para manter o currículo alinhado com as demandas profissionais contemporâneas. Os processos não são infalíveis, mas o caminho de construção das DCNs que vimos anteriormente, visa promover a participação das mais diversas camadas sociais na definição de exigências, reforçando essa mútua evolução entre academia e sociedade.

No que se refere às competências do graduado, as descrições são abrangentes, cabendo à IE definir o formato que garantirá determinada habilidade exigida. Exemplificando, conforme prevê sua DCN (MEC, 2013a), uma das exigências na graduação de Jornalismo é ter a competência de dominar os hardwares e softwares utilizados na produção jornalística. A PUCRS desenvolve as citadas habilidades de diversas formas, uma delas é dentro da disciplina de Fotojornalismo. Perceba que no texto da DCN o fotojornalismo em si não é abordado, mas a universidade proporciona com esse estudo a construção da competência exigida, ensinando o aluno a manusear câmeras (hardware) e a editar imagens (software). É a listagem de competências vindas do MEC que garante uma regularidade em tudo aquilo que é ensinado em território nacional, mas a forma

como se chegará no resultado depende da IE, transformando toda combinação de curso e universidade em única.

Existem também algumas definições menos flexíveis por parte das DCNs. O tempo total de curso é uma definição inflexível, tendo, em certos casos, limites mínimo e máximo, mas por vezes sendo um único. Nas diretrizes de Relações Públicas (MEC, 2013b), por exemplo, a carga horária fica estabelecida em 3.200 horas, distribuídas da seguinte forma: 2.800 para atividades didáticas, 200 para estágio supervisionado e 200 para atividades complementares. São essas definições que ditam a quantidade de semestres que cada curso leva para ser concluído, e que tornam obrigatórias as tarefas de estágios e atividades complementares.

Se o mercado e a academia são extremamente relacionados, é no estágio supervisionado que o aluno começa a pôr na prática aquela teoria aprendida dentro da sala de aula. Por isso, em diversos cursos a etapa é obrigatória. Já nas diretrizes de Publicidade e Propaganda, o MEC (2020) reconhece a relevância do estágio supervisionado para o desenvolvimento do estudante e recomenda a prática, mas não o considera obrigatório. A prática é flexibilizada, cabe à IE decidir, mas, caso opte pela consideração, esta tarefa tem de representar 200 horas, obrigatoriamente.

As atividades complementares, outra tarefa diferenciada nas grades curriculares, tem como papel expandir horizontes, tornando a formação ainda mais completa, prezando pela interdisciplinaridade e dando a possibilidade, inclusive, de promover um princípio de carreira acadêmica para o aluno, contemplando iniciação científica, seminários, entre outros, também como traz o MEC (2020). Na Publicidade e Propaganda, as atividades são obrigatórias, mas a decisão de quais serão consideradas é terceirizada à IE. De novo, há a possibilidade da instituição de ensino formatar o seu currículo e direcionar as atividades complementares de modo a enriquecer a sua abordagem.

Depois que se cumpre com toda a grade curricular, o aluno precisa provar, de forma definitiva, que está apto a exercer aquilo que a faculdade o preparou, e ainda fornecer um parâmetro comparável para avaliar o processo de ensino da sua instituição. Ao final da graduação, concordando com Silva (2009), todos os estudantes são submetidos a um TCC, trabalho de conclusão de curso, essa prova definitiva.

Antes vimos, na definição de comunicação como objeto, que o conceito confundiu-se com o formato. Essa confusão será recorrente ao longo do trabalho, e ela também pode ocorrer na abordagem do TCC, principalmente dentro da comunicação como área. Isto que o leitor acompanha, sim, é um TCC, mas também é uma monografia. Nas áreas da comunicação social que estamos englobando, os trabalhos de conclusão de curso são obrigatórios, existindo pequenas diferenças entre eles. No caso das Relações Públicas, o MEC (2013b) prevê um trabalho de conclusão, tendo 150 horas dedicadas ao seu desenvolvimento, e que comprove o poder de síntese, integração de conhecimento e domínio das técnicas de pesquisa. Essas exigências têm relação direta com o tipo de curso que Relações Públicas é categorizado, o bacharelado, que une possibilidades acadêmicas e de mercado. Ele exige a demonstração de habilidades que são essenciais para ambos os campos.

Em nenhuma resolução ou diretriz do MEC o termo TCC é aprofundado – ele é abordado, mas não dissecado. Mesmo em referenciais bibliográficos, os autores concentram-se mais em explorar os os formatos que um TCC pode ter do que o conceito do termo em si. Provavelmente porque “trabalho de conclusão de curso” é auto explicativo, inclusive uma sigla popularizada no meio acadêmico, mas que com uma lacuna de definição nos permite certos paralelos.

Na Medicina, conforme aponta o MEC (2014), a realização de uma Residência, prática médica dentro do ambiente hospitalar, é obrigatória para concluir a graduação. Já na Engenharia, segundo o MEC (2021), é exigida, para a finalização da graduação, um Trabalho de Curso, um estudo técnico-científico. Em ambos os casos, temos nomes diferentes – e no último nem tão diferente – para coisas de finalidades muito semelhantes: comprovar que o aluno está preparado para o diploma. Na prática, todo graduando tem que fazer um trabalho de conclusão de curso, em minúsculo.

Dentro da comunicação, um dos formatos mais usuais de TCC é a monografia. Como aponta Santos (2009), é um material que elabora e aprofunda exhaustivamente um tema, a partir do método científico e, no âmbito da graduação, dialoga com o teor do curso de formação do autor. A monografia, na graduação, é equivalente aos chamados Trabalhos Acadêmicos e mesmo Trabalhos de Conclusão de curso, com algumas especificidades variando de IE para IE. Outro formato

comumente adotado é o artigo, de estrutura e propósito semelhantes aos da monografia, mas geralmente mais sucinto e de publicação obrigatório – no caso da monografia, ela é opcional –, como aponta Santos (2009). Também existem opções mais práticas, focando um pouco menos na produção acadêmica, como o previsto pelo MEC (2013b) para o curso de Relações Públicas, trazendo a possibilidade de se desenvolver um trabalho específico de relações públicas, aplicado à uma organização, podendo até mesmo ser realizado em grupo.

Não sendo regra o formato, basta que o TCC atenda as exigências de suas respectivas DCNs, de forma que cada instituição de ensino define, a partir de sua reitoria e coordenação acadêmica, uma norma interna que tangibiliza as diretrizes nacionais. Há IEs que direcionam o trabalho para uma aplicação profissional mais direta, outras que concentram esforços na exploração acadêmica. A regra é o formato de pesquisa científica. Uma escolha convencional, mas que parece regra, é a formatação dentro das normas da ABNT. Essa, não é imposta no texto de nenhuma diretriz nacional, mas é quase lei em trabalhos científicos pois padroniza o conhecimento. Mesmo aquilo que não é obrigatório, é recorrente quando necessário.

### 3. RITO DE PASSAGEM COMPULSÓRIA

Após a compreensão das especificidades do universo da comunicação, vamos nos debruçar sobre o trecho final do capítulo anterior, expandindo a noção de finalização de etapa e fechamento de ciclo, característica da graduação. Com ajuda de referenciais com ênfase na psicologia, vamos explorar as características, representatividades e importância das fases da vida, bem como a importância da transição, dando uma atenção especial às transições que se sucedem em paralelo à graduação, ou mesmo sendo a própria. Por fim, as atenções estarão voltadas ao TCC em si, um marco indispensável para a graduação, caracterizado como ritual.

A construção do capítulo se dá com as referências de Van Gennep (1977); Papalia, Olds e Feldman (2009); Peirano (2003) e Rodolpho (2004), juntamente com dados documentais.

#### 3.1 DO HOJE PARA O AMANHÃ, NO SEU TEMPO, OU NÃO

Nascemos e morremos. Esses são os dois únicos eventos que, de forma não negociável, delimitam a vida de qualquer um que viveu, vive ou viverá. E é no intervalo desses eventos que o filho vira pai, que vira avô, que vira bisavô; que um “jamais” vira “talvez”; que a biblioteca aumenta; e que a flexibilidade diminui. É nesse curioso intervalo de eventos que vamos chegando cada vez mais próximos daquilo que, um dia, por fim, seremos. A nossa versão inicial nunca será igual à final. A final vai ser, ao menos, mais velha. Mas quanto mais diferentes forem as versões, mais transformação houve nesse intervalo.

A transformação é um fenômeno que, por vezes, se dá de forma orgânica e paulatina, quase que imperceptível para quem acompanha no dia a dia, tal qual observar uma árvore crescendo. Mas existem aquelas transformações que são acontecimentos únicos, dignos de serem marcados em nosso calendário entre o primeiro e o último evento. Esse ponto de virada mais “marcado”, menos natural,

como aponta Van Gennep (1977), é um período permeado por crises e incertezas. Aquela mudança que não é tão suave, faz-se conturbada.

Seria lógico pressupor que, espertos que somos, tendo a possibilidade de evitar o caótico da mudança abrupta, o faríamos. Por óbvio, como organismos, precisamos mudar, mas o exemplo da própria árvore torna tentador mudar lentamente, evitar o conflito, já que são poucos os ventos que incomodam um carvalho. Partindo desse princípio, é um tanto quanto misteriosa a razão de nos sujeitarmos ao acaso do novo; o porquê de adotarmos o rito, a mudança de forma acentuada.

Para buscar a resposta do novo, recorreremos a uma velha referência, Van Gennep (1977), que caracteriza o rito pelo seu viés social. Essa passagem marcada, rito, é na verdade a passagem de um status social para o outro, adequando-se àquilo que é tido como o ideal pela sociedade na qual o indivíduo está inserido. Essa sociedade impõe ritmo. Ainda para o supracitado autor, esse ritmo é muito dinâmico. E se, em 1977, época referenciada, a sociedade já tinha uma dinamicidade notável, é de se imaginar que mais de 4 décadas depois, essa mutabilidade está ainda maior, ou seja, vivemos em um período no qual há um direcionamento social para que cada vez mais ritos aconteçam.

O momento do rito é onde há uma janela para o indivíduo repensar a sua participação na sociedade, não necessariamente de forma literal ou consciente, mas refletindo sobre a sua origem e destino do ponto de vista social. Rodolpho (2004), por exemplo, enxerga o rito como uma possibilidade de organizar a sua posição na sociedade. O rito também é oportunidade, afinal, marca a mudança, e sempre se pode mudar para melhor. E se a motivação da mudança é biológica e social, para De Marco (2006), o psicológico, também tem que estar compreendido, dessa forma, os estímulos para a transição seriam biopsicossociais. O biológico é o físico, o psicológico é o mental e o social é o externo – como na Comunicação Social.

Agora, assim como no estudo, a Comunicação confunde-se com seu formato (a Linguagem), e com o rito não é diferente. Este último objeto vive uma relação quase que sinônima com o ritual, por vezes sendo confundido. De novo, para um maior entendimento do objeto principal, é interessante compreendermos os termos

que estão muito relacionados, valendo-nos de sua definição e maior tangibilidade dos exemplos.

No caso do ritual, como aponta Peirano (2003), temos uma prática cultural que sistematiza a nossa comunicação, tratando-a com um símbolo. O ritual é a simbologia do nosso dialeto social. Aqui, qualquer semelhança com o processo de iconografia, vide a exploração sobre linguagem, não é mera coincidência. Onde há ser humano, há subjetividade e há uma representação alternativa daquilo que quer ser dito, ou melhor, transmitido.

Trazendo as características dos rituais, Peirano (2003) cita sequências de padrões verbais e de ações, podendo ter diversos graus de formalidade, rigidez, fusão e repetição. Ainda para a autora, o ritual é um reflexo da cultura, e vice-versa. O ritual só é ritual porque é continuamente repetido, e é repetido porque enaltece os valores da sociedade na qual está inserido; e aqui voltamos à pressão social, mesmo que indireta, para o indivíduo ceder ao ritmo da massa, vide o carnaval, ou mesmo para o indivíduo pontuar uma grande conquista acadêmica, como abordará o próximo tópico. O ritual está no nosso cotidiano, então exemplo é o que não falta.

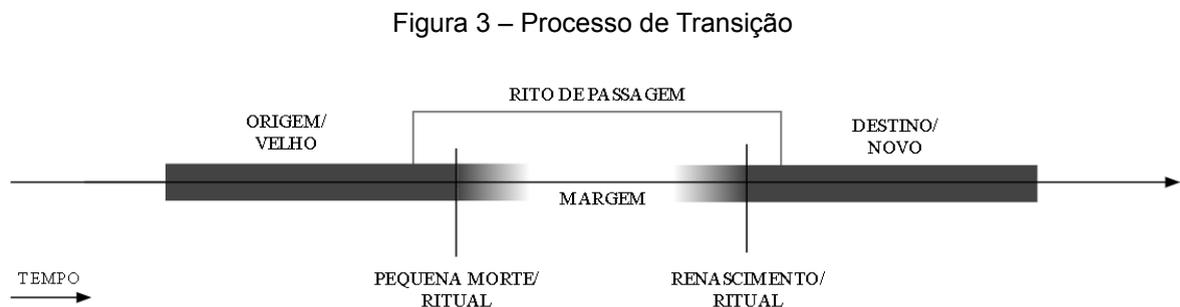
Mas os mais atentos já repararam que, aqui, os rituais foram tratados como constantes e os ritos como marcantes, e sendo termos afins, o apontado ficaria contraditório. Acontece que o ritual está inserido dentro do rito. O rito é o momento, o ritual é o evento. O ritual simboliza o rito.

Voltando para Van Gennep (1977), o autor alemão tem uma forma peculiar de abordar a importância do rito, tratando-o como uma sequência de pequena morte e renascimento. Nesta analogia, estamos o tempo todo morrendo, deixando de ser o que éramos, nem que seja só um pouquinho, e passando a ser outra coisa. Uma morte e um renascimento, aqui sim simbólicos. Essa transição, travestida de ciclo da vida, é enriquecida por Van Gennep (1977) em ainda mais uma dimensão, na qual o autor caracteriza o ritual dentro de três propostas de tipos de ritos, podendo ser rito de separação, de margem ou mesmo de agregação.

O rito de separação, invocando a analogia, seria a pequena morte, é o momento do sujeito deixar de pertencer ao grupo que pertencia anteriormente. É onde há um descolamento do sujeito de sua versão anterior e inicia-se a transformação marcada.

E se a separação é a pequena morte, a margem pode ser um dos períodos mais perigosos, porque o sujeito ainda não renasceu. A sociedade já foi simpática com a sua forma inicial, provavelmente será com a sua fase final – afinal de contas é isso que justifica o rito, mas tende a ser antipática com o meio do caminho. Aquele que não chega no renascimento, fica na morte. O sujeito que não vence a margem corre o risco de ser menosprezado pela sociedade, de não se encaixar em nenhum grupo, e é por isso que o momento de transição é tão delicado, que a margem é tão perigosa.

Por fim, para Van Gennep (1977), o rito de agregação encerra o ciclo atual de mudança, sendo o renascimento, onde o sujeito conclui sua passagem e se reencontra com uma forma definida, uma peça que se encaixa no quebra-cabeça social. Passamos por uma constante de mudanças, com ritmo ditado por um conjunto de biologia e sociedade, onde constantemente deixamos de ser o que éramos, passamos pela margem e nos tornamos algo novo. Rito. Esse processo de transição fica ilustrado na Figura 3.



Fonte: Elaborado pelo Autor a partir de Van Gennep (1977)

Como aponta Rodolpho (2004), o estudo do rito é considerado como um clássico da literatura antropológica, e a pesquisa do presente trabalho pôde atestar tal afirmação – a quantidade de bibliografia referenciável sobre o assunto é digna de causar inveja em outros capítulos. Não ousaremos emular antropólogos a ponto de estressar ainda mais o objeto, mas a mínima noção daquilo que nos caracteriza é fascinante, e compreender o teor identitário e moldador do rito é quase que ler uma espécie de manual de como o ser-humano funciona dentro da sociedade. Munidos dessa compreensão, expandiremos a relação dos ritos com o nosso cotidiano,

aplicando seus conceitos, no próximo tópico, a um dos astros do presente trabalho: o TCC.

### 3.2 UMA TRANSIÇÃO NÃO SÓ ACADÊMICA

É no intervalo de eventos chamado vida que tudo acontece. Entretanto, sendo uma espécie com seus mais de 70 anos de expectativa de vida (AGÊNCIA BRASIL, 2022), o ser humano não contentou-se em tratar como monobloco essa janela entre a vida e a morte. É pouco prático lidar com um período de 70 anos. É impreciso. Assim, convencionamos a divisão da vida em pedaços. Pedaços que recebem dedicatórias de livros (SCLIAR, 2003), filmes (TSOTSI, 2005) e música (ANTUNES *et al.*, 2002). Pedaços tão representativos que têm cultura própria, um glamour. E em contrapartida, outros que, muitas vezes, só recebem atenção quando acabam.

No estudo dos pedaços, a psicologia os batizou de fases da vida (PAPALIA, OLDS e FELDMAN, 2009). E trazendo De Marco (2006) e Van Genep (1977) ao encontro das ideias, são os fatores biopsicossociais que caracterizam as fases e promovem a transição entre elas.

Para Papalia, Olds e Feldman (2009), tais fases, as principais, são: infância, adolescência, adultez e velhice. Principais porque podemos quebrá-las em períodos ainda menores, trazendo mais definição sobre cada momento. Na construção do nosso raciocínio, essas fases macro serão suficientes para ilustrar as características da evolução e relacioná-las ao nosso foco de estudo. Pelo mesmo motivo, não vamos nos aprofundar na última fase, a velhice, que, apesar da sua importância na vida do indivíduo, só vai acontecer muito além dos eventos centrais do subcapítulo.

A fase inicial, infância, é um período fundamental para a construção do ser humano, como trazem Papalia, Olds e Feldman (2009). É nela que aprendemos a interpretar o mundo por conta própria. No nascimento, o ser é extremamente dependente, indefeso. Ao longo da infância, a criança desenvolve certa autonomia, se compreende como unidade, tem seus principais traços de personalidade definidos e inicia relações sociais.

O fim da infância é marcado por um ritmo biológico acelerado, com transformações físicas quase que descontroladas, assim iniciando-se a segunda

fase, adolescência, conforme indicam Papalia, Olds e Feldman (2009). É nesse momento que aqueles traços definidos na infância vão ser extrapolados, reforçados, e é por isso que, na adolescência, tendemos a transpor barreiras, expandir limites, buscando encontrar um equilíbrio naquilo que nos satisfaça. Para saber o que realmente gosto, preciso testar.

Como adendo, é destacável que não estamos usando idades exatas para definir o início e o fim das fases, apesar de, nos textos de Papalia, Olds e Feldman (2009) e De Marco (2006), essas idades estarem bem definidas. O que ocorre é que existem outros autores, em sua maioria contemporâneos à publicação deste trabalho, que defendem delimitações diferentes em suas teorias. Um caso é o de AZZOPARDI et al. (2018), que sustenta que a adolescência se inicia aos 10 anos, enquanto Papalia, Olds e Feldman (2009) indicam que esse início se dá aos 13 anos. E se a fase é biopsicossocial, e esses fatores seguem evoluindo junto com a humanidade, é compreensível novos estudos chegarem a novas conclusões a partir de velhos temas. Sendo assim, sem que os especialistas concordem, vamos nos render mais às descrições características das fases do que datas.

Em que pese, no início da adolescência, a transformação física, é a evolução psicológica e social que mais nos interessa. Para Papalia, Olds e Feldman (2009), o adolescente, adentrando em sua fase, tem a necessidade de fazer parte de um grupo social. E é nesse período conturbado de descobrimentos que se toma duas das decisões mais emblemáticas de toda uma vida: se graduar e no que se graduar. Um período ingrato, trazendo como experiência do pesquisador.

Passando algumas páginas do calendário, e paralelo à graduação, o indivíduo começa a estabilizar as mudanças ocorridas na adolescência. Seu processo de formação, como organismo, está muito próximo de ser concluído. É nesse momento que a responsabilidade começa a aumentar, estágio crucial. A aceitação do peso da responsabilidade imposto pela realidade, é o que vai definir se, de fato, o indivíduo passa para a fase adulta, caso contrário, pode haver alguma reedição de fases da adolescência, uma adolescência tardia, postergando a evolução (PAPALIA, OLDS e FELDMAN, 2009).

No caso de uma passagem mais usual, sem as reedições de adolescência, o término da graduação tende a ficar muito próximo do término teórico dessa

adolescência. Na prática, você entra adolescente e sai adulto da faculdade, em um cenário padrão. Dessa forma, podemos considerar que a faculdade é uma das passagens que marcam o término da adolescência e início da vida adulta. Uma das, até porque tem quem não faça faculdade, ou faça em outro momento. Mas o padrão é ter a graduação como esse portal.

Sendo assim, a graduação não é só um período que aperfeiçoa o conhecimento do aluno e o desenvolve para o mercado profissional. Ela é uma transição. E o TCC, que liga o aluno ao fim da graduação, é uma transição para o lado de fora; uma transição dentro da transição. Trazendo para cá os conceitos de Van Genneep (1977), a graduação seria rito e o TCC seria ritual.

#### 4. METODOLOGIA

A monografia é um material que elabora e aprofunda um tema, dialogando com o teor do curso de formação do autor, desenvolvido a partir do método científico. Escrevemos sobre algo que tenha a ver com o curso de formação, levando em conta algumas regras que padronizam a pesquisa e o material final. Um desses padrões é o tipo de pesquisa, e aqui, na presente monografia, temos um estudo do tipo exploratório qualitativo.

No viés exploratório, conforme Selltz *et al* (1967), há um teor de exposição e compreensão do tema, buscando a familiaridade para com ele, tornando-o mais explícito antes de construir hipóteses; só depois há um aprofundamento. Já no quesito qualitativo, podemos pegar um atalho de senso comum: qualidade em detrimento da quantidade. A metodologia exploratória foi feita a partir do aprofundamento em uma quantidade reduzida de fontes, estas com extrema relevância para o tema, visando trazer descrições, e não números exatificados. E já que toda essa obra é repleta de subjetividade e de definições suficientemente boas, estamos sendo qualitativos; se quiséssemos retratos fidedignos e números, apelaríamos à métodos quantitativos.

Ainda, continuando com Selltz *et al* (1967), o planejamento de um trabalho exploratório e quantitativo tende a ser mais flexível, isto é, a abordagem exploratória é aquilo que possibilita esta monografia, que está em uma grande zona cinza acadêmica, de existir. É graças ao viés exploratório, por exemplo, que a abordagem de diversos temas periféricos pôde ser feita; que os textos aqui presentes sejam carregados de metalinguagem e referências inusitadas, andando em uma linha tênue entre uma monografia e uma matéria da revista Superinteressante; e que o autor, como relacionado direto ao objeto de estudo, busque entregar em suas impressões e análises uma certa equivalência de importância em relação às referências brutas.

As supracitadas referências são o conteúdo base que compõe este estudo, e o processo de se chegar até esse conteúdo é batizado de “coleta de dados”. Aqui, as técnicas utilizadas para a coleta são as seguintes: pesquisa bibliográfica,

pesquisa documental e entrevista em profundidade. Cada uma das técnicas têm diferentes finalidades, prós e contras, tendo sido escolhidas por serem as que mais contribuíram para o desenvolvimento e enriquecimento do material.

A pesquisa bibliográfica tem como finalidade a compreensão dos objetos inseridos no tema, como aponta Bocatto (2006), já que é possível encontrar referências bibliográficas sobre quase qualquer assunto, buscando dissertações que ajudem a ter uma noção suficientemente boa dos objetos em questão. É inviável buscar uma compreensão sobre tudo que é abordado dentro de qualquer produção, dessa forma, o levantamento de fontes bibliográficas pega carona em compreensões construídas por um autor que se debruçou muito, ou o suficiente, sobre um tema específico, inclusive abrindo diálogo entre obras. Todas as referências que compõem um trabalho o completam, assim como um futuro material que precise de algum conceito aqui explorado de forma pertinente, terá a honra de usar a presente monografia como referência e, conseqüentemente, como parte dele.

Apesar de ter como característica uma conceitualização de forma embasada, a pesquisa bibliográfica também tem suas desvantagens, como depender de um cruzamento de fontes para se chegar em alguma conclusão ou certeza sobre determinado apontamento, já que é comum haver conflito de concepções, ou mesmo correntes de pensamentos distintas, principalmente quando o assunto abordado tem um alto grau de subjetividade.

Servindo de complemento à etapa anterior, a pesquisa documental, segundo Moreira (2006), traz um embasamento ainda maior para a monografia, já que contempla a identificação, a verificação e a apreciação de documentos. Ao contrário da pesquisa bibliográfica, que recolhe conceitos já dissecados por autores, na pesquisa documental a base de estudo é uma informação primária, mais básica, crua, como jornais, revistas, documentos oficiais e, inclusive, vídeos.

Os dados documentais levados em consideração têm a vantagem de, na maioria das vezes, serem sucintos e categóricos em suas definições. Em contrapartida, por serem informações primárias, tendem a carecer de fontes, o que dificulta um cruzamento e deixa o pesquisador à mercê da precisão da informação divulgada.

Por conta do objeto escolhido, é necessário algum levantamento social, visando compreender o ponto de vista daqueles que se relacionam com quem desenvolve um TCC, além de um parecer especializado daqueles que entendem o impacto – tanto profissional quanto psicológico – causado pelo período que antecede, que contempla e que é consequência desse desenvolvimento. O papel de dar voz às personagens da história cabe à entrevista em profundidade, como defende Gil (2008), fazendo com quem entende do assunto seja entrevistado e torne-se referência para o próprio material.

O último autor, a despeito das características da entrevista em profundidade, traz que a técnica é recomendada, ainda mais, quando pretende-se abordar aspectos do comportamento humano, já que a fala carrega nuances e detalhes incompatíveis com um simples texto – comparando a entrevista com pesquisas documentais e bibliográficas. Mas essa complexidade da fala é uma via de mão dupla, pois, se de um lado temos uma riqueza capaz de enriquecer o material para além do inicialmente explorado, Gil (2008) também defende que a condução da entrevista e interpretação das respostas tornam-se tarefas cruciais para que não haja um enviesamento do entrevistado nem compreensão errada daquilo que foi respondido. A entrevista em profundidade tem um potencial quase inigualável, mas precisa ser elaborada com atenção especial do pesquisador.

Para este estudo, foram entrevistadas três profissionais, especialistas em suas respectivas áreas, que dispensaram um tratamento anônimo. São elas: Inta Muller, Susana Gib Azevedo e Liliane Rohde. Inta Muller é psicanalista, com 32 anos de experiência, formada em Psicologia pela PUCRS e em Psicanálise pelo Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA), especialista em Crianças e Adolescentes pelo Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência (CEAPIA) e mestra em Intervenção Precoce pela Université Aix en Provence. Hoje, atua com a prática da psicologia clínica e integra a coordenação do próprio CEAPIA e do Contemporâneo - Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Muller foi entrevistada para contribuir com a compreensão dos momentos de transição e dos impactos do TCC nos alunos.

Susana Gib Azevedo é psicóloga e professora universitária, com 35 anos de experiência, graduada em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

(UNISINOS), pós-graduada em Psicopedagogia pela PUCRS e mestra em Comunicação Social pela mesma instituição. Hoje, atua com psicologia clínica, coordenadora de curso de pós-graduação na PUCRS e professora de graduação, também na PUCRS. Azevedo foi escolhida pela sua afinidade com as duas áreas, Psicologia e Comunicação, fazendo uma amálgama entre os objetos de estudo do trabalho; e também por lecionar em disciplinas que precedem a de monografia, além de já ter orientado diversos TCCs.

Liliane Antunes Rohde é professora universitária e consultora empresarial, com 20 anos de experiência, graduada em Engenharia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Administração pela UFRGS e especialista em Comportamento do Consumidor e Pesquisa de Mercado. Hoje, atua como professora de graduação na ESPM e consultoria empresarial. Rohde foi escolhida para contribuir com a compreensão do impacto da comunicação na formação do indivíduo e por orientar, todo semestre, diversos TCCs da comunicação.

As entrevistas foram realizadas entre 28 de setembro e 7 de novembro de 2022, através de videochamada. Cada uma delas teve a duração aproximada de 1h30min e seu conteúdo na íntegra constitui um acervo particular do autor, portanto, as transcrições completas não estão disponibilizadas nos Anexos deste estudo.

Os roteiros guia, que compõem o Apêndice do estudo, foram minimamente adaptados para cada uma das entrevistas, visando alinhá-los às especialidades das entrevistadas, de modo a maximizar a contribuição de cada uma delas com seus tópicos de maior afinidade. Entretanto, todos os roteiros partem de uma estrutura parecida de blocos, abordando as **transições entre fases da vida**, onde as etapas que formam as nossas vida são esclarecidas, as importâncias de ritos e margem são exploradas e o impacto da comunicação na formação do indivíduo é investigada; **graduação**, principalmente no que tange o seu significado social; e, ao final, **TCC**, o processo de definição do tema, as características do seu desenvolvimento e as possibilidades que ele proporciona.

É curioso que a ordem dos blocos das entrevistas sejam inversos à ordem de apresentação dos objetos nesta monografia, o que se deu naturalmente no momento da construção das estruturas. Para uma narrativa mais longa, com os temas tendo diversas páginas de desenvolvimento, a estrutura que mais facilitava a construção

de raciocínio é a apresentada, enquanto nas entrevistas, carregadas de síntese e dinamicidade, com introduções muito mais curtas – ou mesmo inexistentes –, a disposição final dos roteiros cumpriu o seu papel.

Por fim, todos aqueles dados coletados a partir da pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevista em profundidade, passarão por uma análise de conteúdo categorial, a técnica de análise de dados escolhida para este material. E, conforme aponta Fonseca Júnior (2011), já que a origem do material coletado é distinta, é justamente nessa etapa em que os dados são agrupados em categorias, visando facilitar e uniformizar as informações levantadas. O objetivo principal dessa etapa é que, caso pessoas distintas tenham acesso às mesmas informações levantadas até aqui, e categorizem as informações levantadas da mesma forma, cheguem às mesmas conclusões.

A análise de conteúdo categorial é dividida em três etapas subsequentes: pré análise, consistindo no planejamento daquilo que será elaborado; exploração, que contempla a análise do que foi elaborado; e tratamento dos resultados obtidos e interpretação, etapa na qual o pesquisador desenvolve as suas próprias inferências (FONSECA JÚNIOR, 2011).

Na-pré análise, primeira etapa, colocando de forma simples, vê-se o que está disponível para a sequência, avalia-se o que é pertinente analisar e o que ainda falta ser levantado; na exploração, segunda etapa, é onde ocorre a padronização do material a partir de codificação e categorização, agrupando conteúdos com elementos em comum, de modo a facilitar a compreensão do que foi obtido; e, por fim, na terceira etapa, acontece o tratamento dos dados obtidos e interpretação, momento no qual o autor, munido de todas as suas vivências e experiências, absorve o resultado das etapas anteriores e elabora inferências a partir de tudo aquilo que fora estudado (FONSECA JÚNIOR, 2011).

## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para a análise do estudo, vamos retomar a questão problema a ser respondida pelo trabalho: Qual a relação do estudante com a transição proporcionada pelo trabalho de conclusão de curso? E visando chegar na resposta, foram traçados quatro objetivos, também lembrados aqui: ponderar a escolha dos temas e os interesses acadêmicos e profissionais dos estudantes; abordar os sentimentos resultantes desta fase final da graduação; explorar o processo de transição e a influência do TCC como um ritual; e refletir sobre o processo de desenvolvimento do TCC de um ponto de vista participativo, gerando contribuições para o processo.

Nessa análise, que segue a metodologia da análise de conteúdo categorial, cada objetivo será abordado em uma categoria diferente. Cada uma das categorias contempla um cruzamento do que foi coletado nas entrevistas, por vezes promovendo um debate entre as entrevistadas e o autor, além de conceitos resgatados do referencial teórico. Essa divisão de categorias facilitará a compreensão e o atingimento dos objetivos. Por fim, apresentam-se as Inferências do pesquisador, momento de reflexão e crítica, a partir do ponto de vista do pesquisador, sobre os resultados da pesquisa.

### 5.1 O TCC COMO OBRA AUTORAL

Nesta categoria, pretende-se atingir o objetivo de ponderar a escolha dos temas e os interesses acadêmicos e profissionais dos estudantes. Para isso, vamos, de início, revisitar o objetivo do TCC: ele pontua o final de uma graduação, comprovando que o graduado tenha domínio suficiente daquilo que foi aprendido. Por consequência, o TCC contribui com o enriquecimento do meio acadêmico e, por ter algumas exigências compartilhadas entre todas as IEs, pode servir como fator comparativo entre elas (Brasil, 1996).

Hoje, as DCNs e as normas de cada universidade, compõem uma descrição muito completa das exigências a serem cumpridas no trabalho desenvolvido. Mas

essas exigências não significam cerceamento de liberdade, muito pelo contrário. A academia se desenvolveu em um movimento de construção em conjunto, de discussão de ideias e difusão de pensamento. Ela surge, inclusive, do questionamento, como trouxe Haskins (1957). Sua evolução passou, sim, por momentos menos iluministas, com um currículo mais restritivo, entretanto, ao menos do surgimento da universidade em diante, a educação vem sendo construída em um tríptico indispensável de instituição, professor e aluno. (HASKINS, 1957)

A academia em si é antiga, mas, no Brasil, é mais recente. Importante considerar que estamos em um país mais jovem – ao menos comparado à Europa, berço da academia –, então, mesmo que a universidade chegasse aqui junto com Cabral, nossa academia ainda teria seus bons 300 anos a menos. Mas o movimento de ensino aqui foi ainda mais recente. Se considerarmos então o estudo da comunicação, para a história, foi ontem. Esse atraso no início é um dos fatores que pode explicar a nossa colocação de 13º no ranking internacional de produção de conteúdo científico, sendo o 7º mais populoso do mundo (OLHAR DIGITAL, 2021).

Fugindo de um olhar pragmático que nos condenaria à mediocridade, mais lacunas significam mais oportunidades. É evidente que o autor gostaria que o Brasil liderasse o ranking, sem dúvida, mas trazendo um aspecto minimamente positivo de uma produção subdesenvolvida, é a gama de possibilidades que se abre para os futuros pesquisadores. E ainda mais vastas são as possibilidades se olharmos para a Comunicação, área que permite uma interdisciplinaridade imensa e que dialoga com o contexto. Mesmo um assunto saturado, mudando o recorte, pode ser trabalhado como algo novo.

Unindo a liberdade à possibilidade, chegamos em um momento de escolha de tema no qual é difícil ter um foco. A tendência é que os alunos que estão desenvolvendo seus TCCs não saibam nem por onde começar, segundo Azevedo (2022). É pensando nisso que existem as cadeiras que precedem o TCC, buscando guiar o aluno nesse processo de escolha. Rohde (2022) conta que um tema ideal tem que atender três características: gosto pessoal do autor, ter relevância acadêmica e ser possível de resolver. A partir daí, começa uma procura pelo assunto a ser pesquisado.

Se os alunos seguissem à risca as indicações de Rohde (2022), este trabalho seria muito mais enxuto. Em consonância, Azevedo (2022) e Rohde (2022) contam que a maior parte dos alunos negligencia ou extrapola as orientações para essa definição, seguindo um processo quase que passional. Muitas vezes, o tema é definido por ser o mais fácil, ou demora para ser definido por conta de um pensamento muito complexo por trás. Essa falta, ou excesso, de reflexão é um dos motivos que pode acarretar no não desenvolvimento do trabalho, como ressaltam Azevedo (2022) e Rohde (2022), ainda em consonância. Todo semestre, TCCs incompletos “morrem na praia” porque ficaram inviáveis de serem evoluídos, seja pelo tema raso, pelo desinteresse do aluno pesquisador, ou mesmo pela viabilidade. O importante aqui é ressaltar que ter dificuldade na escolha do tema é algo comum.

Existem exceções, com certeza. Como conta Muller (2022), o processo de escolha do seu tema foi muito simples, ou melhor, no momento do desenvolvimento do trabalho tudo já estava definido. Isso se deu pois, a totalidade do processo universitário, do vestibular até o início da carreira pós-graduação, já era uma certeza para ela. Mas a psicanalista reconhece que essa, de longe, não é regra. Quem teve objetivos mais esclarecidos ao longo da sua formação, tende a ter mais facilidade para chegar em um tema, entretanto, em uma realidade na qual a escolha de se graduar, e no que se graduar, é tomada relativamente cedo, como apontou Azevedo (2022), o aluno, no seu último semestre, muitas vezes não sabe nem se escolheu o curso certo, quem dirá ter determinação em um tema. Há, também, conforme Rohde (2022), um terceiro perfil, que é aquele que chega ao TCC sem saber o que fazer, mas segue as recomendações e define o tema na forma lógica proposta. Esse é mais comum, mas também é exceção.

Passado o processo de escolha, podemos olhar para a relação do aluno com o tema em si. Azevedo (2022) aponta que são os mais variados, mas que podem ser uma resposta que o estudante queira encontrar, um assunto que é tendência, um projeto que complemente a carreira profissional, ou mesmo qualquer coisa que o permita ser aprovado.

Já Muller (2022) traz o motivo de uma forma menos concreta, afirmando que, no final, a definição do tema é sobre desejo, e o tema é, sempre, sobre si. O desejo seria algum dos três: desejo próprio, da família ou da sociedade. Trazendo Azevedo

(2022) ao encontro de Muller (2022), poderíamos dizer que, quem escolhe uma resposta que queira encontrar, parte do seu próprio desejo; quem escolhe um assunto que é tendência, parte do desejo da sociedade; quem adota um tema complementar à carreira profissional, pode partir do desejo da sociedade, empresa na qual trabalha, da família, empresa familiar, ou mesmo desejo próprio, seja para mudar de carreira ou em uma carreira autônoma; e quem escolhe qualquer coisa para ser aprovado, abrangendo todas as possibilidades de desejo – pode querer acabar pela saturação, por ter cursado a partir de pressão familiar, ou ter outros compromissos sociais impedidos pela graduação. Segundo defende Muller (2022), todas essas escolhas, no fundo, trazem à tona uma questão pessoal, mesmo que do inconsciente.

Um dos grandes dificultadores do TCC é o fato de que, na maior parte dos casos, se faz sozinho, como conta Rohde (2022). Ele é uma obra autoral, que vai ter um determinado impacto no aluno como consequência da sua relação esforço/resultados. E é bem provável que a parte mais impactada seja o aluno, por isso, o mais interessante é que os desejos sobressalentes não sejam nem sociais, nem da família, mas, sim, próprios. Quanto mais esforço, há mais expectativa. Quanto mais expectativa, há mais necessidade de esforço. E quem se esforçará é o aluno, portanto, é ele que tem que ditar a expectativa. Quando os dois elementos não se equilibram, acontecem os incidentes de percurso.

## 5.2 O TCC COMO RITUAL

Nesta categoria, busca-se atingir o objetivo de explorar o processo de transição e a influência do TCC como um ritual. Para isso, vamos retomar o pensamento de Papalia, Olds e Feldman (2009), que trazem o adolescente como sendo aquele ser conflituoso, que extrapola seus traços de personalidade obtidos na infância e passa a ter uma grande dependência social. É nesse complexo contexto em que é escolhida a graduação.

Para Azevedo (2022), o aluno entra no ensino superior carregando todos os paradigmas da escola, um ambiente muito mais protetivo e proibitivo. Nesse ambiente, o aluno era acompanhado de perto, garantindo, de forma ativa, o seu

desenvolvimento. Não havia muito esforço para que a educação viesse até você e, caso não fizesse sua parte, havia punição.

Cronologicamente, a graduação está ao final da fase da adolescência. O aluno entra na faculdade adolescente e sai adulto. Mas, essa passagem não acontece de uma hora pra outra, ou melhor, não pode acontecer de forma abrupta. Para Muller (2022), quando as transições acontecem de forma abrupta é que surgem as aflições. As passagens traumáticas do indivíduo geram cicatrizes.

Com o processo de maturidade paulatino, a independência aumenta, assim como a responsabilidade (PAPALIA, OLDS e FELDMAN, 2009). Por conta disso, Azevedo (2022) acredita que os alunos enxerguem a graduação como uma ruptura no modelo de educação, e não como uma extensão da escola. Entrar na faculdade já é uma transição. Nesse momento, há uma passagem para a liberdade, mas o crescimento da responsabilidade é, no mínimo, igual. O ensino superior acompanha e cobra o aluno de forma passiva, terceirizando o interesse à ele. A consequência da irresponsabilidade é integralizada pelo sujeito. Essa ruptura na forma de lidar com o seu local de ensino já ilustra para o aluno, aos poucos, a transição de fases que ele está vivendo.

Outra construção prevista na universidade é a inserção do aluno no mercado de trabalho (MEC, 2020). Quando na vida adulta, rumo do aluno, a responsabilidade também contempla a autonomia (PAPALIA, OLDS e FELDMAN, 2009). No nosso modelo de sociedade, a autonomia pressupõe capital. Dessa forma, a graduação acaba por estar inserida em ainda mais um momento chave na transição entre fases visto que liga o aluno à sua fonte de capital.

Com o sujeito chegando próximo do fim da graduação, podem surgir os períodos de negação, como traz Muller (2022), afinal de contas, o término da graduação marca o término do ambiente de testes. Antes, já havia consequências na irresponsabilidade, mas, agora, a tolerância beira o zero. Um adulto não tem tantas cartas brancas quanto um adolescente. Por isso, também, como veremos na próxima categoria, muitos se prendem à graduação com a esperança de congelar o tempo, na ilusão de apenas postergar a inevitável próxima fase, seja por medo do que vem, ou por apego ao que vai.

Quem venceu o medo, avança, quem não venceu, posterga, arcando com as consequências mais brandas de uma cobrança passiva. Avançando, esbarramos no TCC, que é o trabalho que coloca um ponto final em todo o processo. Para Muller (2022), ele é um dos eventos que finaliza a passagem. Existem outros, como a formatura, por exemplo, mas esta é passiva. O TCC é o ponto limítrofe dessa transição abraçada pela graduação.

De forma ampla, trazendo Van Gennepe (1977), a graduação em si seria um rito, por englobar essa transição. O curioso é que podemos expandir a interpretação e considerar que existem vários ritos dentro do próprio rito, como uma passagem para o ambiente profissional, retomando o caso do estágio. O conceito amplo de rito nos permite, inclusive, tratar o TCC como rito, uma vez que ele é a passagem para um momento de maior autoconhecimento, tendo diversos pontos marcantes dentro dele também podem ser novos ritos. Se seguirmos essa lógica, o rito vira quase que um fractal.

Fugimos da categorização do TCC como rito muito pelo que aponta Peirano (2003), trazendo que um ritual é uma sequência de ações, podendo ter diversos graus de formalidade, rigidez, fusão e repetição. Ele é a simbologia do nosso dialeto social e, no contexto da academia, esse dialeto é acadêmico. Portanto, a simbologia pode ser um trabalho, formatado nas normas ABNT e apresentado à uma banca. E aqui a diferença entre rito fica observável, onde o rito é o amplo e o ritual o específico.

A partir dessa concepção, o Trabalho de Conclusão de Curso é um dos vários rituais existentes dentro da graduação. Dependendo do ponto de vista, ele também pode ser rito, assim como a graduação também pode ser ritual, uma vez que ela não é a transição em si. Se fosse, quem não faz faculdade não viraria adulto. Mas, o TCC como ritual demonstra sua relevância ao ser indispensável, dado o contexto. No final, o TCC é esse pedágio inegociável que separa o estudante da vida adulta.

### 5.3 O TCC COMO UMA CAIXINHA DE EMOÇÕES

Nesta categoria, busca-se atingir o objetivo de abordar os sentimentos resultantes da fase final da graduação. Para isso, vamos retomar o peso acadêmico

do TCC, que, na maior parte das vezes, é item obrigatório no término da graduação (MEC, 2020). Também, retomemos o peso mercadológico, em um contexto no qual um tema de trabalho de conclusão de curso por alavancar uma carreira (EXAME, 2019). O estudante já foi induzido a dar muita importância ao trabalho, antes mesmo de iniciá-lo. E aqui o autor não questiona se o trabalho é importante. Ele é, por óbvio. O que, até aqui, parece não ser saudável, além de outras coisas, é a falta de franqueza com essa importância.

A percepção de importância imposta, entra em uma equação com o tipo do desejo, apresentado por Muller (2022). Um outro complicador a ser adicionado, é o teor solitário do trabalho, como trouxe Azevedo (2022). Com exigências, expectativas e uma sobrecarga de responsabilidades, é de se esperar algum impacto no sujeito. Há o ônus e o bônus de se fazer um trabalho autoral, segundo Rohde (2022). Nesse primeiro parágrafo, aparentemente, concentramos apenas ônus.

Na sequência, os sentimentos e dificuldades começam a ficar muito relativos, e isso dialoga diretamente com o tema escolhido, como conta Azevedo (2022). Quem optou por um tema que se mostrou mais desafiador, mesmo que goste dele, tende a passar por ondas de autoboicote. E se o tema não era tão do agrado, o desinteresse é tamanho a ponto de haver uma ruptura com o trabalho. São nessas horas que o papel do orientador é ainda mais fundamental.

Como o TCC é uma transição dentro de uma transição, existem alguns sentimentos que não são necessariamente intrínsecos ao processo acadêmico. Essa transição mais externa, a passagem para a vida adulta, tem suas peculiaridades que refletem diretamente no desenvolvimento do trabalho.

Para Muller (2022), as transições em diferentes fases da vida não podem ser classificadas pelo seu grau de dificuldade. Portanto, não existem transições mais fáceis ou mais difíceis tendo como base a fase em que elas ocorrem. As transições nas diferentes fases são apenas diferentes. Elas têm características específicas.

Muller (2022) aponta que essas diferenças das transições em variadas fases são explicadas pelos fatores biológicos, emocionais e sociais – de novo, o biopsicossocial (DE MARCO, 2006). Uma característica dos jovens, que transacionam para a adultez, pode fazer com que novos sentimentos se misturem

aos que já derivam do TCC. Uma criança, em processo de transição, tem que lidar com uma grande quantidade de fatores biológicos, principalmente (PAPALIA, OLDS e FELDMAN, 2009). Para Rohde (2022), durante infância, há angústia nas transições porque os justamente por esses fatores serem, em sua maioria, biológicos, e a criança não consegue expressar ainda aquilo que está sentindo, ela não sabe dar nome para o que está acontecendo, falta emocional, o corpo toma conta. Ela não entende e por isso fica angustiada.

Em contrapartida, na adolescência, os principais fatores que impactam a transição são os psicossociais (PAPALIA, OLDS e FELDMAN, 2009). Nesse período, o indivíduo já é mais consciente e sábio. Para Rohde (2022), é o contraste de estar mais sábio, mas ainda assim transacionar e passar por conturbações, que acaba por gerar angústia. O jovem, muitas vezes, sabe pelo que está passando. Ele tangibiliza e consegue dar nome, mas isso não o impede de ser impactado.

O fato de não ter total controle sobre o processo, mesmo o identificando, gera uma sensação de impotência, que vira autossabotagem, como conta Azevedo (2022). Esse é um dos fatores que torna tão estreita a relação entre graduação e o amadurecimento. Muitos dos sentimentos resultantes no TCC nem decorrem do trabalho em si, mas sim do peso da responsabilidade e de cercamentos que aguçam o estudante.

Em cercamentos, por exemplo, Azevedo (2022) afirma que o estudante, muitas vezes, abre mão de seu círculo social para estar desenvolvendo o TCC. Para Rohde (2022), nesse aspecto, o TCC é excludente. É prezado pelo resultado acadêmico em detrimento do social, fator tão importante na adolescência. Se fosse feito em outra fase da vida, o Trabalho de Conclusão de Curso seguiria sendo desafiador, com certeza, mas não seria tão complexo.

Muller (2022) indica outro processo, externo à graduação, mas que invariavelmente resulta dela e que acaba por impactar os estudantes. O processo, é o de negação, o receio de chegar na adultez. Com a graduação sendo a passagem para a vida adulta, e o TCC sendo a última etapa dessa passagem, a negação da adultez gera uma auto sabotagem quase que consciente no estudante, dificultando ainda mais o desenvolvimento.

Mas não é só de sentimento contraproducente que vive o estudante. Há momentos de glória. Rohde (2022) conta que, quando há um real interesse do estudante no tema, existe uma felicidade genuína em descobrir algo novo. Por isso, escolher um tema que o motive é a chave para o estudante transformar a labuta prazer, e esse prazer dissolvido ao longo do trabalho ajuda a compensar todos os outros sentimentos indesejáveis.

Finalmente, para Rohde (2022), o TCC é uma vitória pessoal. Se o trabalho é autoral, passando por diversas das crises que vimos até aqui, finalizar um Trabalho de Conclusão de Curso é uma conquista. Independentemente dos resultados acadêmicos e profissionais, daquilo que se aprendeu, da evolução como indivíduo, o final da graduação é uma conquista. Basta finalizar o TCC para consegui-la.

#### 5.4 INFERÊNCIAS DO PESQUISADOR

Neste momento do trabalho, apresentam-se as inferências do pesquisador, momento de exposição e crítica, onde se busca atingir o objetivo de refletir sobre o processo de desenvolvimento do TCC de um ponto de vista participativo, gerando contribuições para o processo.

Como o TCC é geralmente um trabalho autoral, os sucessos e fracassos do projeto ficam atrelados ao aluno (AZEVEDO, 2022). Aos futuros pesquisadores, é imprescindível a reflexão sobre o quanto de esforço se está disposto a aplicar, alinhando suas próprias expectativas. Então, mais importante do que propor algo revolucionário, deve-se refletir sobre o esforço que se está disposto a aplicar. Mais até do que a banca final, é o pesquisador que define o valor da sua obra. Um “aprovado” com e sem um “10” do lado dão a mesma passagem para fora da graduação, qualquer coisa além disso, depende do quão disposto de ir além se está.

Nesse alinhamento de expectativas referentes à proposição, também é importante que o estudante parta para o desenvolvimento do trabalho com alguma flexibilização para com o problema a ser resolvido, de forma a realinhar suas expectativas conforme o andamento do projeto. Azevedo (2022) e Rohde (2022) citam inúmeros trabalhos que passaram por uma troca de objetivos dentro do semestre, por vezes mudando drasticamente a proposta inicial. Não importa o

motivo da mudança. Seja ela por vontade, seja por necessidade, o realinhamento de expectativas faz-se fundamental.

Na flexibilização, Muller (2022) reforça o desafio que é escolher a graduação tão cedo. O aluno toma essa decisão sem referências suficientes, entrando em um curso de adesão incerta. Quanto ao ingresso precoce em si, pela extensão de impactos estruturais que essa discussão engloba, não há um levantamento referencial nem aprofundamento suficiente sobre esse tema paralelo que nos permita fazer sugestões embasadas, entretanto, estando constatado que há um ingresso prematuro, nem que seja de forma mínima, é fundamental uma adaptabilidade por parte do aluno. No caso do TCC, refletir a possibilidade de mudança. No caso do curso, também.

Em um contexto de experimentação e realinhamento, o tempo disponível para o desenvolvimento pode ser um ofensor. Uma proposta que busca amenizar o problema, é a apresentação antecipada dos futuros desafios que o TCC irá proporcionar, visando preparar o aluno e incentivá-lo a refletir em um tema antes mesmo de chegar nas disciplinas de TCC propriamente ditas. Hoje, para Rohde (2022), fica a impressão de que o TCC está descolado do resto do curso.

Um complemento à proposta anterior seria a exposição de temas explorados e das reverberações ocasionadas pelos trabalhos, de forma franca, englobando exemplos que renderam louros aos autores, mas, também, trazendo aqueles burocráticos, dentro do esperado, demonstrando ao aluno a realidade dos resultados de forma mais fiel.

Sobre o descolamento do trabalho final com o resto do curso, Rohde (2022) enxerga, ainda, que o TCC tem um papel negligenciado dentro da área da comunicação, uma vez que é um formato não habitual aos aspirantes a comunicólogos, sendo uma possibilidade de exploração do novo que não é aproveitada. A construção com o formato de texto científico é um exercício rico para a realidade da comunicação, uma vez que tira o estudante da zona de conforto, aumenta a pluralidade. Normalmente, o primeiro contato com a produção nesses moldes se dá apenas no TCC.

Justamente pelo contato de produção ter sido limitado, fica dificultada a produção de texto científico. Se, por vezes, o primeiro contato é no TCC, e poucos

são os que fazem uma segunda graduação, a expectativa é que haja dificuldade no processo. Suavizá-la é o papel do orientador.

No âmbito de auxílio ao desenvolvimento, um fator que ficou evidenciado, a partir das entrevistas em profundidade e da orientação da presente monografia, é que o aluno tem que ter uma relação de extrema confiança com o seu orientador. A escolha desse é, talvez, mais importante do que a do tema do trabalho em si. Um bom orientador pode exponencializar a capacidade do orientado. E não chegamos nessa conclusão a partir de uma resposta, mas sim a partir da constatação de que Azevedo (2022) e Rohde (2022) são orientadoras de TCC, há muitos anos, em duas das principais instituições do país. Por elas, já passaram incontáveis páginas de produção científica.

O renome da universidade também está ligado à sua produção científica. Ela, por sua vez, é dependente do orientador. Este, que permanece orientando por muito tempo, colabora para o renome. E, se colabora para o renome, são os melhores orientadores. Portanto, é possível inferir que os melhores trabalhos passaram, na média, pelos melhores orientadores.

A importância do papel do orientador também fica exemplificada a partir do resultado do presente trabalho. O autor não foi exceção do descrito em capítulos anteriores no que se refere à sentimentos, conflitos, auto sabotagem e demais desafios decorrentes da junção de fase da vida e desafio acadêmico. Nesse contexto, o papel de orientação foi fundamental. Sem ele, um trabalho tão pouco usual não seria viável, visto que, como já vimos, as regras do TCC são relativamente restritivas. Nesta obra, houve flerte com a fuga do formato por diversas vezes.

O ensino superior tem a característica de dar as ferramentas, mas de ser passivo no desenvolvimento. O que tende a fugir da regra é a orientação do TCC, trazendo um aspecto do apoio à pesquisa mais ativo. Claro, nada próximo à escola, mas que é um refúgio nas conturbações do período. Salta aos olhos a necessidade dos alunos seguirem mais, mais cedo, os caminhos indicados pelo orientador.

Quanto aos outros itens de apoio à pesquisa, do que se observou, é notável que poderiam existir menos pontos separadores entre o aluno e o esclarecimento das exigências contempladas pelas IEs. Um exemplo disso, é a dificuldade que se tem de encontrar as normas internas de formatação e suas recomendações.

Antes de mais nada, à PUCRS, fica o reconhecimento do esforço ao disponibilizarem todos os modelos de documentos acadêmicos, com as exigências de formatação ABNT adotadas pela Universidade, dentro do site da Biblioteca Irmão José Otão; mas também cabe alguma crítica à falta de acessibilidade e otimização de mecanismos de busca. Para acessar as informações, é preciso efetuar um *login*, ou seja, ter algum vínculo com a universidade, para então fazer uma busca sobre o modelo desejado, processo desnecessariamente longo e excludente.

Do que pôde ser compreendido sobre a construção acadêmica, vimos neste trabalho que a produção científica é um fator fundamental para isso, evoluindo toda a área de estudo que está sendo englobada. Portanto, democratizar ao máximo o acesso a esse tipo de informação tem de ser um compromisso das IEs, sem contar que amplia o seus alcances e reconhecimento como marca. A página, que hoje está um tanto quanto escondida, deveria ser um dos primeiros resultados ao buscarmos “ABNT PUCRS” no Google, por exemplo. Essa democratização do acesso é interessante, inclusive, para onerar menos os orientadores. Os alunos os acionariam menos no caso de dúvidas do gênero.

Outro ofensor do processo conflituoso que é o TCC, é o aluno achar que deveria estar sendo mais fácil do que é. E não é o caso das exigências externas serem menos difíceis, mas sim de haver dificuldade em aceitar desafios, respeitar o seu tempo. Até por isso, Rohde (2022) traz que o TCC é um trabalho longo, que não é feito da noite para o dia. Nesse caso, mastigar aos poucos uma fatia grande é mais inteligente do que engoli-la de uma só vez. Não é porque o estudante é esclarecido, está convicto do tema e tem vontade genuína de atingir seus objetivos que o trabalho será fácil.

Na ocasião do estudante achar fácil o processo, ou se desenvolveu um trabalho medíocre, ou o estudante é privilegiado. No caso da mediocridade, tudo bem, nosso respeito tem que seguir. Passamos alguns parágrafos defendendo o autoconhecimento em uma constante reflexão de capacidade e gerenciamento de expectativas, com o intuito no desenvolver, e não no o que desenvolver. Não é aqui, nos encaminhando para o fim, que vamos exigir mais mais esforço. Desde que siga aquilo que é regra, o pesquisador goza do direito de autoria dentro do seu texto,

fazendo aquilo que bem entender. No caso do privilégio, a notícia positiva é que inveja não tira pedaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Trabalho de Conclusão de Curso tende a gerar expectativa naqueles que estão prestes a desenvolvê-lo, e tensão naqueles que o estão desenvolvendo. Vimos aqui que essa expectativa é resultante de diversos fatores biopsicossociais. Ao longo da escolha do tema e do processo de construção do trabalho, a vastidão das possibilidades, as conturbações de uma margem inclusive externa à academia e a pressão do entorno agem como dificultadores. O esclarecimento desses pontos faz um alerta aos futuros pesquisadores, os incentivando a seguir processos propostos com as melhores das intenções por quem os instrui, mas, respeitando suas individualidades e clamando para que também participem da construção dos próximos processos.

Ao longo desta monografia, passamos pela evolução da comunicação, em uma jornada que parte da pré-história e chega no hoje, sintetizando a relevância do objeto para a nossa formação, como humanos, e a sua correlação com o desenvolvimento da nossa sociedade. Para comunicólogos e entusiastas, é interessante a ilustração da evolução sobre o nosso modo de entender e explorar a comunicação. E, para além disso, o legado deste tópico é a proposição de que nem tudo é tão claro, e que os limites são definidos à medida que a necessidade supera o esforço. Uma grande habilidade é saber até quando se esforçar, com equilíbrio, trazendo um limite suficientemente bem definido.

Quanto às fases da vida, sua exploração nos ensina muito sobre nosso próprio processo de formação, o do porque somos como somos, o motivo da nossa complexidade. A infância define traços, a adolescência extrapola e a adultez consolida. Essa noção, bem como o levantamento das principais características de cada fase da vida, nos permitiram compreender as angústias que naturalmente surgem, e porque surgem. Estando cientes das etapas, ficam claros a transição entre elas e seu ritmo, conceito fundamental. Também, fica esclarecido que a passagem é motivada pelos fatores biopsicossociais.

Os ritos e suas transições foram essenciais na compreensão do significado do Trabalho de Conclusão de Curso para além do meio acadêmico. Sendo um

processo de transição, a graduação é um rito. O TCC, pontuando um momento da graduação, acaba sendo um ritual. A graduação é o rito que liga a adolescência à adultez, e o TCC é um dos ritos que marca esse rito. E o conceito de margem, o intervalo entre as etapas da transição, reforça ainda o surgimento de aflição, que, somados às dificuldades técnicas e demais conflitos de fase, culmina no ápice de complexidades que é o TCC.

Toda essa construção de raciocínio foi o que nos permitiu, na análise, cumprir com os objetivos propostos, respondendo, assim, a questão problema. Num âmbito acadêmico, dentro da Comunicação, o trabalho contribui com cronologias sintetizadas sobre a evolução de diversos pontos da área, e já que o rito é um assunto pouco abordado ao longo da graduação, ele agrega um conteúdo muito interessante e que complementa a formação do comunicólogo. De modo geral, para a academia, também fornece uma cronologia sintetizada sobre a própria, mas o principal é a exposição da relação do aluno com uma tarefa praticamente indispensável à formação, de que muito se fala sobre os motivos e formatos, mas que pouco se aborda sobre os impactos nos pesquisadores, elementos fundamentais da academia.

Já para o mercado, este trabalho evidencia que a academia se molda às competências exigidas dos profissionais que estão sendo preparados, de forma que as empresas podem, e devem, ter a universidade como aliada estratégica. Uma outra consideração é que, hoje, ainda, empresas são constituídas por pessoas, e, qualquer gestor que aspire o mínimo sucesso, tem de fazer algum esforço para entender aquilo que constitui sua empresa. Dessa forma, ao expormos as conturbações e angústias que acompanham o TCC, surge uma esperança de sororidade, expectativa de que a compreensão para com o profissional seja minimamente ampliada a partir do que pôde ser levantado, visto que o mesmo funcionário, quando graduado, é mais interessante para todas as partes envolvidas.

E em tom de despedida, ressalta-se que este estudo não é definitivo, muito pelo contrário. Ele abre uma série de novas possibilidades que não foram contempladas aqui, mas que também seriam enormes contribuições para os meios profissional e acadêmico. Exemplos são: a expansão do tema para outras áreas do conhecimento que não da comunicação; um estudo, dialogando diretamente com

estudantes que farão, fazem e fizeram um TCC, buscando outras perspectivas em primeira pessoa sobre o tema; uma pesquisa com foco estrito em identificar os principais temas de TCC e o que os motivou; um estudo de possíveis implementações práticas para reduzir o atrito instituição-professores-aluno, facilitando o processos de desenvolvimento do TCC; a criação de um material didático mais resumido, com o que foi abordado nesse trabalho, levando um conteúdo informativo e convidativo aos alunos em processo de TCC, dando alternativas às referências densas que são tão presentes nesse contexto; passados alguns anos, compreender se o presente material teve, de fato, alguma contribuição concreta para um estudante em período de TCC.

Aos que leram, com exceção dos avaliadores, o autor deixa aqui os parabéns, pois o incentivo à produção científica também se dá pelo seu consumo. E aos avaliadores, o autor deixa o seu muito obrigado.

## REFERÊNCIAS

**Acta**. Britannica, 2018. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Acta>>. Acesso em: 31 de out. de 2022.

ANASTASIOU, L. G. C. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: UNIVILLE, 2007.

ANTUES, Arnaldo et al. **Velha infância**: Tribalistas [2002]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iyJDUGgiEM>>. Acesso em: 31 de out. de 2022.

AZZOPARDI, P. S. *et al.* The age of adolescence. **The Lancet Child & Adolescent Health**, Estados Unidos, Vol. 2, n. 2, p. 223-2228, mar. de 2018.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BARNHURST, Kevin; NERONE, John. **Journalism History**. *in* HANITZSCH, Thomas; WAHL-JORGENSEN, Karin. The handbook of Journalism studies. Oxônia, Reino Unido: Routledge, 2009. p. 17-28.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**. Brasília, 2014.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 . Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 de dez. de 1996. p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo**. Brasília, 2013a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Medicina**. Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Publicidade e Propaganda**. Brasília, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Relações Públicas**. Brasília, 2013b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais** – DCN dos Cursos de Graduação. Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Engenharia**. Brasília, 2021.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

**Censo Escolar 2018**. Inep, 2018. Disponível em:

<[https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2018/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_2018.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf)>. Acesso em: 31 de out. de 2021.

**Certificações de Estudos complementam o currículo**. PUCRS, 4 de mai. de 2019. Disponível em:

<<https://www.pucrs.br/blog/certificacoes-complementam-o-curriculo/>>. Acesso em: 8 de out. de 2022.

CORREA, Flavia. **China passa EUA e lidera produção de ciência mundial pela primeira vez**. Olhar Digital, 26 de dez. de 2021. Disponível em:

<<https://olhardigital.com.br/2021/12/26/ciencia-e-espaco/china-passa-eua-e-lidera-producao-de-ciencia-mundial-pela-primeira-vez/>>. Acesso em: 13 de out. de 2022.

CRAIG, R. T. **Communication Theory as a Field**. Communication Theory, Boulder, Estados Unidos, vol. 9, n. 2, p. 119-161, mai. de 1999.

DEFLEUR, M. L.; BALL-ROKEACK, Sandra. **Theories of Mass Communication**. Londres, Reino Unido: Longman, 1989.

DROGUELL, J. G. D.; POMPEU, Bruno. **Dicionário técnico e crítico da comunicação publicitária**. São Paulo: Cia dos Livros, 2012.

DUNN, H. A. **History of Journalism Education: An Analysis of 100 Years of Journalism Education**. 2018. 102 f. Tese (Mestrado) - Mestrado em Comunicação de Massa, Universidade do Estado da Louisiana, Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/217413659.pdf>>. Acesso em: 29 de out. de 2022.

**Estudante borari tem TCC aprovado e se torna a 1ª indígena gestora ambiental pela Ufopa**. G1, 2 de set. de 2021. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2021/09/02/estudante-borari-tem-tcc-aprovado-e-se-torna-a-1a-indigena-gestora-ambiental-pela-ufopa.ghtml>>. Acesso em: 31 de out. de 2021.

FÁVERO, M. L. A. **A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968**. Educar, Curitiba, nº 28, p. 17-36, 2006.

FLICK, A. C. **The rise of the medieval church and its influence on the civilization of western Europe from the first to the thirteenth century**. New York, Estados Unidos: Burt Franklin, 1909.

FONSECA JÚNIOR, W. C. **Análise de Conteúdo**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

FORNARI, G. **Estudo de Técnicas Fractal e Multifractal Para Análise de Irregularidades na Ionosfera Equatorial**. Orientadores: Reinaldo Rosa e Francisco Meneses Junior. 2016. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Computação Aplicada, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São José dos Campos, 2016. Disponível em: <<http://mtc-m21b.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtc-m21b/2016/04.20.19.52/doc/publicacao.pdf>>. Acesso em: 17 de set. de 2022.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HARGREAVES, Steve. **The richest American in history**. CNN, 2 de jun. de 2014. Disponível em: <<https://money.cnn.com/gallery/luxury/2014/06/01/richest-americans-in-history>>. Acesso em: 14 de out. de 2022.

HASKINS, C. H. **The Rise of Universities: A History of these Medieval Institutions**. Ithaca, Estados Unidos: Cornell University Press, 1957.

HIME, G. V. V. C. Construindo a profissão de jornalista: Cásper Líbero e a criação da primeira escola de jornalismo do Brasil. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo, vol. 28, p. 5-9, 2005.

KLEPPNER, Otto. **Advertising Procedure**. Hoboken, Estados Unidos: Prentice-Hall, 1979.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LASSWELL, H. D. **Propaganda Technique in the World War**. Nova York, Estados Unidos: Peter Smith, 1938.

LASSWELL, H. D. **The structure and function of communication in society**. In: BRYSON, L. The communication of ideas. Nova York, Estados Unidos: Instituto para Estudos Religiosos e Sociais, 1948. p. 37-52.

MENDES, C. L.; PRUDENTE, P. L. G. Licenciatura x Bacharelado: o currículo da educação física como uma arena de luta. **Impulso**, Piracicaba, vol. 21, n. 51, p. 97-108, jan.-jun. de 2011.

MOREIRA, S. V. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006.

NASSAR, Paulo; FARIAS, L. A.; OLIVEIRA, M. F. Cenário histórico das relações públicas no Brasil. **Organicom**, Brasil, ano 13, n. 24, p. 151-160, 1º sem. 2016.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Human Development**. Nova Iorque, Estados Unidos: McGraw Hill, 2009.

PAULA, E. S. As origens das Corporações de Ofício: as corporações em Roma. **Revista de História**, São Paulo, vol. 32, n. 65, p. 3-68, mar. de 1966.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PEREIRA, J. E. D. As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. **Educação & Sociedade**, Belo Horizonte, ano XX, n. 68, p. 109-125, dez. de 1999.

PERUZZO, Cicilia. **Relações públicas no modo de produção capitalista**. São Paulo: Summus, 2004.

RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, Pelotas, vol. 4, n. 2, p. 138-146, jul. de 2004.

ROSEN, Edward. **The Invention of Eyeglasses**. In: Journal of the History of Medicine and Allied Sciences. Oxônia, Reino Unido: Oxford Academic, vol. 11, p. 183-218, abr. de 1956.

ROSS, B. I.; RICHARDS, J. I. **A Century of Advertising Education**. Estados Unidos: Academia Americana de Publicidade, 2009.

SANTOS, C. R. **Trabalho de Conclusão de Curso**: guia de elaboração passo a passo. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SAMPSON, The crisis at the heart of our media. **British Journalism Review**, Reino Unido, vol. 7, n. 3, p. 42-51, set. de 1996.

SCLIAR, Moacyr. **Um país chamado Infância**. São Paulo: Ática, 2003.

SEITEL, F. P. **The Practice of Public Relations**. Harlow, Reino Unido: Pearson Education Limited, 2017.

**Sem experiência, defensora do ensino domiciliar assume pasta na educação.**

EXAME, 30 de jan. de 2019. Disponível em:

<<https://exame.com/brasil/sem-experiencia-defensora-do-ensino-domiciliar-assume-pasta-na-educacao/>>. Acesso em: 31 de out. de 2021.

SHANNON, C. E. A Mathematical Theory of Communication. **The Bell System Technical Journal**, Nova York, Estados Unidos, Vol. 27, p. 379-423, jul. de 1948.

STENIUS, H.; ÖSTERBERG, M.; ÖSTLING, J. **Nordic Narratives of the Second World War**: National Historiographies Revisited. Lund, Suécia: Nordic Academic Press, 2011.

TAKAHASHI, A. R. W. Cursos superiores de tecnologia em gestão: reflexões e implicações da expansão de uma (nova) modalidade de ensino superior em administração no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, Vol. 44, p. 385-414, mar./abr. de 2010.

TAYLOR, P. M. **Munitions of the mind**: A history of propaganda from the ancient world to present day. Manchester, Reino Unido: Manchester University Press, 2003.

**Tema do TCC**: como não errar na escolha. São Judas Tadeu, 2019. Disponível em: <<https://www.usjt.br/blog/tema-do-tcc-como-nao-errar-na-escolha/>>. Acesso em: 31 de out. de 2021.

**TSOTSI**. Direção de Gavin Hood. Rio de Janeiro: Miramax, 2005. 1 DVD (95 min.).

VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

VIANNA, L. **Como fazer a delimitação do tema (sem esforço)**. Guia da Monografia. Disponível em:

<<https://guiadamonografia.com.br/como-fazer-a-delimitacao-do-tema/>>. Acesso em: 31 de out. de 2021.

VILELA, P. R. **ONU**: pandemia reduz expectativa de vida em 3 anos na América Latina. Agência Brasil. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-07/onu-pandemia-reduz-expectativa-de-vida-em-3-anos-na-america-latina>>. Acesso em: 14 de out. de 2022.

WRIGHT, D.K. History and development of public relations education in North America: A critical analysis. **Journal of Communication Management**, Estados Unidos, Vol. 15, n. 3, p. 236-255, ago. de 2011.

## APÊNDICE A

### ROTEIRO GUIA PARA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE INTA MULLER - PSICANALISTA

#### **Objetivos do estudo:**

Identificar os critérios utilizados na hora de definir o tema do trabalho de conclusão de curso; Ponderar a escolha dos temas e os interesses acadêmicos e profissionais dos estudantes; Abordar os sentimentos resultantes desta fase final da Graduação; e Refletir o processo de transição e a influência do TCC neste rito de passagem.

Obs.: Solicitar autorização para usar as informações no TCC, em artigos científicos e trabalhos decorrentes.

#### **Nome do entrevistado(a):**

#### **Formação:**

#### **Áreas de atuação:**

#### **Experiência profissional:**

#### **Experiência acadêmica:**

#### **Apresentação (como você gostaria de ser referendada no trabalho?):**

#### **BLOCO 1 - TRANSIÇÕES ENTRE FASES DA VIDA**

1. Quais são as principais fases da vida do ponto de vista da psicologia e o que caracteriza essas fases? (Explorar)
2. Das etapas dessas fases, qual a relevância da transição comparada às demais? (Explorar)
3. Essa transição é paulatina ou abrupta? (Explorar)
4. E qual o impacto do ritmo da transição no nosso psicológico? (Explorar)
5. Existe um nome para as entre-fases da vida? (Explorar)

6. Qual a importância dessas entre-fases e quais os seus perigos? (Explorar)
7. As mudanças de fase são constructos sociais ou elementos naturais? (Explorar)
8. Como se caracterizam os momentos de transição na juventude?(Explorar)
9. Na juventude a mudança é mais fácil ou difícil? Por quê? (Explorar)

## **BLOCO 2 - GRADUAÇÃO**

1. A faculdade é uma extensão da escola? Por quê? (Explorar)
2. No contexto do nosso país, qual a relevância da graduação, desconsiderando o conhecimento técnico adquirido, na vida de um indivíduo? (Explorar)
3. O que a graduação representa? (Explorar)
4. A graduação é uma fase da vida ou está dentro de outra fase? (Explorar)
5. Cada vez menos, mas ainda assim é a regra, a graduação dá rumo, nem que seja profissionalmente, para um indivíduo. Se graduar, e no que se graduar, são vistas como escolhas importantíssimas. Você concorda com as afirmações anteriores? Por quê? (Explorar)
6. É saudável ter escolhas dessa relevância antes mesmo da vida adulta? (Explorar)
7. O que representa o final da graduação? (Explorar)
8. O que viabiliza uma graduação é um TCC. Qual a representatividade do TCC e quais seus desafios, para além da dificuldade técnica, em desenvolvê-lo? (Focar nos conflitos e sentimentos) (Explorar)
9. No final da graduação ocorre uma formatura, cerimônia que tecnicamente poderia ser substituída pela simples entrega do diploma (um documento). Por que criamos esses rituais “enfeitados”? E por que eles se fazem tão presentes em passagens de conhecimento? (Explorar)
10. Qual outra passagem se assemelha ao término da graduação? (Explorar)

## **BLOCO 3 - COMUNICAÇÃO**

1. Qual a importância da comunicação (ato de comunicar) na formação do indivíduo? (Explorar)
2. De que forma a comunicação influencia as fases da vida e as transições? (Explorar)

**FECHAMENTO**

1. Você gostaria de aprofundar alguma das questões abordadas nesta entrevista ou, além do debatido neste estudo, que outros aspectos poderiam ser relevantes para esse tema?
2. Em quais referenciais posso me aprofundar nos assuntos:
  - fases e transições na vida;
  - transições na vida jovem;
  - ritos de passagem;
  - ritos de passagem na educação;
  - impacto da comunicação na formação do indivíduo.
3. Qual foi o tema do seu TCC na Graduação? (Explorar)
4. Como você definiu esse tema? (Explorar)
5. Como você se sentiu nesse momento da graduação? (Explorar)

## APÊNDICE B

### ROTEIRO GUIA DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE SUSANA GIB AZEVEDO - PSICÓLOGA E PROFESSORA UNIVERSITÁRIA

#### **Objetivos do estudo:**

Identificar os critérios utilizados na hora de definir o tema do trabalho de conclusão de curso; Ponderar a escolha dos temas e os interesses acadêmicos e profissionais dos estudantes; Abordar os sentimentos resultantes desta fase final da Graduação; e Refletir o processo de transição e a influência do TCC neste rito de passagem.

Obs.: Solicitar autorização para usar as informações no TCC, em artigos científicos e trabalhos decorrentes.

#### **Nome do entrevistado(a):**

#### **Formação:**

#### **Áreas de atuação:**

#### **Experiência profissional:**

#### **Experiência acadêmica:**

#### **Apresentação (como você gostaria de ser referendada no trabalho?):**

### **BLOCO 1 - TRANSIÇÕES ENTRE FASES DA VIDA**

1. Quais são as principais fases da vida do ponto de vista da psicologia e o que caracteriza essas fases? (Explorar)
2. Qual a importância das transições entre fases da vida e quais os seus perigos? (Explorar)
3. Essa transição é paulatina ou abrupta? (Explorar)
4. E qual o impacto do ritmo da transição no nosso psicológico? (Explorar)
5. As mudanças de fase são constructos sociais ou elementos naturais? (Explorar)
6. Como se caracterizam os momentos de transição na juventude? (Explorar)

7. Na juventude a mudança é mais fácil ou difícil? Por quê? (Explorar)
8. Qual a importância da comunicação (ato de comunicar) na formação do indivíduo? (Explorar)
9. De que forma a comunicação influencia as fases da vida e as transições? (Explorar)

## **BLOCO 2 - GRADUAÇÃO**

1. A faculdade é uma extensão da escola? Por quê? (Explorar)
2. No contexto do nosso país, qual a relevância da graduação, desconsiderando o conhecimento técnico adquirido, na vida de um indivíduo? (Explorar)
3. O que a graduação representa? (Explorar)
4. Você considera que se graduar, e no que se graduar, são vistas como escolhas importantíssimas pela sociedade? Por quê? (Explorar)
6. E por você? (Explorar)
7. E pelos alunos? (Explorar)
8. É saudável ter escolhas tão relevantes antes mesmo da vida adulta? Por quê? (Explorar)
9. Na sua experiência dentro do meio acadêmico você vê a graduação como uma forma de direcionar, mesmo que profissionalmente, um indivíduo? Por quê? (Explorar)
10. O que representa o final da graduação? (Explorar)
11. No final da graduação ocorre uma formatura, cerimônia que tecnicamente poderia ser substituída pela simples entrega do diploma (um documento). Por que criamos esses rituais “enfeitados”? E por que eles se fazem tão presentes em passagens de conhecimento? (Explorar)
12. Qual outra passagem se assemelha ao término da graduação? (Explorar)

## **BLOCO 3 - TCC**

1. Qual a representatividade do TCC para além do resultado acadêmico? (Explorar)
2. Quais os principais desafios para se desenvolver um TCC, para além das dificuldades técnicas? (Explorar)

3. Quais os principais motivos que levam à definição de um tema? Os alunos têm dificuldade em defini-lo? (Explorar)
4. como você recomendaria que um alguém definisse o tema do seu TCC? Os alunos seguem essas recomendações? (Explorar)
5. Quais os principais percalços pelos quais o aluno passa na hora de desenvolver um TCC e com quais descobertas paralelas ele se depara? (Explorar)
6. Quais os principais motivos para um aluno abrir mão do seu TCC, mesmo que temporariamente? Com qual frequência você vê isso acontecer? (Explorar)
7. Quais os sentimentos que você percebe estarem envolvidos quando ocorre esse rompimento no desenvolvimento de um TCC? (Explorar)
8. Quais resultados você já viu derivarem de um TCC? (Explorar)

### **FECHAMENTO**

1. Você gostaria de aprofundar alguma das questões abordadas nesta entrevista ou, além do debatido neste estudo, que outros aspectos poderiam ser relevantes para esse tema?
2. Qual o tema de TCC mais interessante que você já viu? (Explorar)
3. Qual o tema do seu TCC na Graduação? (Explorar)
4. Como você definiu esse tema? (Explorar)
5. Como você se sentiu nesse momento da graduação? (Explorar)

## APÊNDICE C

### ROTEIRO GUIA DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE LILIANE ROHDE - PROFESSORA UNIVERSITÁRIA

#### **Objetivos do estudo:**

Identificar os critérios utilizados na hora de definir o tema do trabalho de conclusão de curso; Ponderar a escolha dos temas e os interesses acadêmicos e profissionais dos estudantes; Abordar os sentimentos resultantes desta fase final da Graduação; e Refletir o processo de transição e a influência do TCC neste rito de passagem.

Obs.: Solicitar autorização para usar as informações no TCC, em artigos científicos e trabalhos decorrentes.

#### **Nome do entrevistado(a):**

#### **Formação:**

#### **Áreas de atuação:**

#### **Experiência profissional:**

#### **Experiência acadêmica:**

#### **Apresentação (como você gostaria de ser referendada no trabalho?):**

### **BLOCO 1 - TRANSIÇÕES ENTRE FASES DA VIDA**

1. Na sua concepção, quais as principais fases da vida e o que caracteriza essas fases? (Explorar)
2. Qual a importância das transições entre fases da vida e quais os seus perigos? (Explorar)
3. Essa transição é paulatina ou abrupta? (Explorar)
4. E qual o impacto do ritmo da transição em nossas vidas? (Explorar)
5. As mudanças de fase são constructos sociais ou elementos naturais? (Explorar)

6. Como se caracterizam os momentos de transição na juventude? (Explorar)
7. Na juventude a mudança é mais fácil ou difícil? Por quê? (Explorar)
8. Qual a importância da comunicação (ato de comunicar) na formação do indivíduo? (Explorar)
9. De que forma a comunicação influencia as fases da vida e as transições? (Explorar)

## **BLOCO 2 - GRADUAÇÃO**

1. A faculdade é uma extensão da escola? Por quê? (Explorar)
2. No contexto do nosso país, qual a relevância da graduação, desconsiderando o conhecimento técnico adquirido, na vida de um indivíduo? (Explorar)
3. O que a graduação representa? (Explorar)
4. Você considera que se graduar, e no que se graduar, são vistas como escolhas importantíssimas pela sociedade? E por você? E pelos alunos? (Explorar)
5. É saudável ter escolhas tão relevantes antes mesmo da vida adulta? (Explorar)
6. Na sua experiência dentro do meio acadêmico você vê a graduação dar rumo, nem que seja profissionalmente, para um indivíduo? (Explorar)
7. O que representa o final da graduação? (Explorar)
8. No final da graduação ocorre uma formatura, cerimônia que tecnicamente poderia ser substituída pela simples entrega do diploma (um documento). Por que criamos esses rituais “enfeitados”? E porque eles se fazem tão presentes em passagens de conhecimento? (Explorar)
9. Qual outra passagem se assemelha ao término da graduação? (Explorar)

## **BLOCO 3 - TCC**

1. Qual a representatividade do TCC para além do resultado acadêmico? (Explorar)
2. Quais os principais desafios para se desenvolver um TCC, para além das dificuldades técnicas? (Explorar)
3. Quais os principais motivos que levam à definição de um tema? Os alunos têm dificuldade em defini-lo? (Explorar)
4. Como você recomendaria que um alguém definisse o tema do seu TCC? Os alunos seguem essas recomendações? (Explorar)

5. Quais os principais percalços pelos quais o aluno passa na hora de desenvolver um TCC e com quais descobertas paralelas ele se depara? (Explorar)
6. Quais os principais motivos para um aluno abrir mão do seu TCC, mesmo que temporariamente? Com qual frequência você vê isso acontecer? (Explorar)
7. Quais os sentimentos que você percebe estarem envolvidos quando ocorre esse rompimento no desenvolvimento de um TCC? (Explorar)
8. Quais resultados você já viu derivarem de um TCC? (Explorar)

### **FECHAMENTO**

1. Você gostaria de aprofundar alguma das questões abordadas nesta entrevista ou, além do debatido neste estudo, que outros aspectos poderiam ser relevantes para esse tema?
2. Qual o tema de TCC mais interessante que você já viu? (Explorar)
3. Qual o tema do seu TCC na Graduação? (Explorar)
4. Como você definiu esse tema? (Explorar)
5. Como você se sentiu nesse momento da graduação? (Explorar)



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)